



EmRede
FILHAS DE JESUS

Ano XIX - Número 22 - Ano: 2024

Gestão e
Liderança
Educativa

Pág. 22

Evoluindo com o Nosso Modo Próprio de Educar

Pág. 15

A economia
da atenção e
a falta de
foco - Desafios
e Estratégias

Pág. 07

Altas
Habilidades e
Superdotação

Pág. 13

A Importância
das Aulas
Práticas para o
Desenvolvimento
de Habilidades
e Competências

Pág. 18



TRANSFORMANDO VIDAS E CONECTANDO GERAÇÕES

Construindo projetos de vida da Educação Infantil ao Ensino Médio!

Há mais de 100 anos promovendo educação integral e formação humano-cristã, intelectual, espiritual, psicológica e afetiva.

Saiba mais:



filhasdejesus



redefilhasdejesus

www.filhasdejesus.org.br



REDE FILHAS
DE JESUS



O DESAFIO DE EDUCAR NO SÉCULO XXI

EDITORIAL



Vivemos tempos de muitas transformações na educação e na sociedade. Alguns sociólogos e antropólogos já afirmam que estamos passando por uma mudança de era, que é mais do que uma era de mudanças, consideram que estamos vivendo o Antropoceno. A escola, que sempre foi um espaço de formação acadêmica e de socialização, enfrenta novos e complexos desafios impostos pelas transformações do mundo. Desafios sociais, ecológicos, financeiros, tecnológicos, etc. Nesta edição, apoiados no Nosso Modo Próprio de Educar, abordamos temas cruciais para quem, como nós, acredita que a educação é a principal ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva.

A educação, hoje, se vê diante de um cenário onde o papel da escola está em constante questionamento e adaptação. Como preparar nossos alunos para um futuro incerto? Como garantir que o ambiente escolar seja um espaço de acolhimento e desenvolvimento integral? É justamente essa pluralidade de desafios que faz da educação um campo tão fascinante e vital para o desenvolvimento da sociedade e, para

tal, devemos trazer sempre presente a concepção de comunidade educativa expressa no Nosso Modo Próprio de Educar e articular todos os entes envolvidos na mesma.

Entre os tópicos discutidos, a gestão escolar aparece como um dos mais relevantes. Administrar uma escola no Brasil hoje exige habilidades multifacetadas, que vão além da organização curricular e dos aspectos administrativos. É preciso saber lidar com as demandas dos pais, as pressões do ambiente escolar, o avanço das tecnologias, a inclusão de alunos com diferentes realidades e necessidades, e a preparação dos professores para atuarem como mediadores em um contexto tão desafiador. A boa gestão, seja da escola como um todo ou da sala de aula, pode ser o diferencial que promove um ambiente de aprendizado positivo e colaborativo, assim como Santa Cândida já sinalizava em suas cartas às Filhas de Jesus educadoras e sintetizadas no decálogo educativo: educar com amor, alegria, para o bem das pessoas e na centralidade de Jesus, com as melhores intenções, conhecendo e corrigindo com firmeza e

sem impor temor, com o bom exemplo, com igualdade e sem preferências, com firmeza e serenidade, humildade e mansidão.

Não podemos deixar de discutir o uso de telas, um dos desafios mais presentes na vida de crianças e adolescentes. Aqui, exploramos as consequências desse fenômeno e buscamos caminhos para equilibrar o contato com a tecnologia, sem abrir mão das interações reais e das atividades que estimulam a criatividade e o senso de comunidade, para isso torna-se fundamental a formação permanente, buscando contínua atualização cultural, pedagógica, teológica, pastoral, nas diversas áreas em que executamos nossas atividades, acompanhando a evolução e as mudanças que acontecem no campo da educação e da evangelização, contribuindo para que sempre sejam empregados os melhores recursos e de formas mais assertivas, conforme o Nosso Modo Próprio de Educar nos desafia no item 144.

Esta edição da revista Em Rede passou por um processo de construção diferenciado. Elaborada por várias mãos, contamos com a colaboração de nosso corpo de educadores e apresentamos esse belíssimo trabalho, no qual conhecimentos variados se entrelaçam num caminhar comum e fraterno.

Convidamos nossos leitores a mergulharem nas reflexões que trouxemos e a se unirem a nós nessa jornada de construir uma educação que, mais do que nunca, prepara para o mundo, mas também cuida do ser humano em sua totalidade.

Boa leitura!

Por Conselho Educacional
Rede Filhas de Jesus

EXPEDIENTE


**REDE FILHAS
DE JESUS**
Revista Em Rede
Congregação das Filhas de Jesus

Sociedade de Educação Integral e de
Assistência Social

Ano XVIII | Número 22 | Outubro/2024

Tiragem: 1.000

Distribuição Gratuita

**CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE JESUS
GOVERNO PROVINCIAL BRASIL - CARIBE**
Ir. Sônia Maria Soares da Rocha

Superiora Provincial

Ir. Regina Célia de Oliveira

Primeira conselheira

Ir. Altigracia González Ventura

Segunda Conselheira

Ir. Vera Lúcia Ladeia Ramos

Terceira Conselheira

Ir. Leila Janaína Pereira da Silva

Quarta Conselheira

CONSELHO EDITORIAL

Maria José Alves Machado

Cássia Lara Neves de Araújo

Renata Pires de Mendonça Dantas

**GESTÃO DE COMUNICAÇÃO
E MARKETING**
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Renata Pires de Mendonça Dantas

(Reg. Prof. 09059-JP/MG)

COLABORAÇÃO

Equipe pedagógica e administrativa
da Rede Filhas de Jesus

REVISÃO: Renata Pires de Mendonça Dantas

FOTOS: Acervo Rede Filhas de Jesus e Banco de Imagens

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Quener Barros

UMA PUBLICAÇÃO DA REDE FILHAS DE JESUS

Seias - Sociedade de Educação Integral e Assistência Social

R. Ludgero Dolabela, 1021- 6º andar - Gutierrez - 30441-048

Belo Horizonte / MG - 31 3337-8755

O DESAFIO DE EDUCAR NO SÉCULO XXI 03

A FUMAÇA QUE NOS ACORDOU 05

A ECONOMIA DA ATENÇÃO E A FALTA DE FOCO 07

**OS PREJUÍZOS DO USO EXCESSIVO DE TELAS:
UMA REFLEXÃO SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL 10**

ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO 13

EVOLUINDO COM O NOSSO MODO PRÓPRIO DE EDUCAR 15

**IMPORTÂNCIA DAS AULAS PRÁTICAS PARA O
DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E COMPETÊNCIAS 18**

ANO LETIVO SEM BULLYING 20

GESTÃO E LIDERANÇA EDUCACIONAL 22

LIDERANÇA SERVIDORA 25

**A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE
FINANCEIRA NA GESTÃO ESCOLAR 28**

**A IMPORTÂNCIA DOS EXERCÍCIOS DE FORÇA
NAS ESCOLAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES 30**

**REFLEXÕES E AÇÕES DA MÚSICA
AFRICANA NA EDUCAÇÃO MUSICAL 32**

**O FAZER TEATRAL E SEUS JOGOS COMO
FERRAMENTAS PRÁTICAS NA NEUROEDUCAÇÃO 34**

A PASTORAL NA ESCOLA E A ESCOLA EM PASTORAL 37

**MULHERES E SINODALIDADE
NO PONTIFICADO DE FRANCISCO 39**

A FUMAÇA QUE NOS ACORDOU

A FUMAÇA CHEGOU ATÉ A NOSSA PORTA E ACINZENTOU O HORIZONTE, TRIUNFANTE, SEMPRE PARA O ALTO E ALÉM DE PARTE DA HUMANIDADE. CONTRADITÓRIAMENTE, A NÉVOA SECA QUE OFUSCA É A MESMA COM O POTENCIAL DE ABRIR OS NOSSOS OLHOS.

Por Aleluia Heringer

Dentre tantas histórias que têm nos deixado atônitos nessa sequência de recordes de temperaturas e eventos climáticos extremos, darei um zoom nas chamas da Chapada de Guimarães (MT). Mais de 4 mil espécies de animais e mais de 12 mil espécies de plantas catalogadas estão sendo despejadas de suas moradas. Nos seus paredões, onde as araras faziam os seus ninhos, em vez do aconchego, o fogo. Elas gritam mais alto que as chamas. Diante disso, que conversas precisamos ter? O que falar aos nossos filhos? Até onde estamos dispostos a ir?

Ouvir o grito da Criação passa por fazer as conexões, identificar contextos e interdependências entre todas as coisas, todos os indivíduos, todas as espécies de seres vivos e de todas as entidades do mundo natural. Mais do que nunca é preciso unir aquilo que foi dispersado e desvinculado pelos métodos e processos que, historicamente, nos formaram e que nos distanciaram, fazendo-nos entender que estamos acima e fora da natureza. Contudo, não é possível entender a dinâmica da Criação e dos ecossistemas naturais ou sociais sem voltarmos para as relações que as constituem. Com

essa visão ecossistêmica da vida é que podemos fazer da casa que nos abriga um lugar comum, justo, pacífico e possível para todos e todas que a habitam.

Nosso jeito de estar no mundo não mais se sustenta. Será que conseguimos entender essa mensagem que o mundo natural está bradando? À margem, os mais pobres e os vulneráveis, primeiros a serem atingidos, os que menos demandam e os que mais tardiamente recebem o socorro. Esses, ainda temos no meio de nós. Tantos cansados e sobrecarregados das



**"NOSSO JEITO DE ESTAR
NO MUNDO NÃO MAIS
SE SUSTENTA."**

longas caminhadas fugindo das secas, das enchentes, da violência, da guerra e da fome. No meio de nós, moradores em situação de rua, desesperançados, pessoas que tiveram todas as portas fechadas e que hoje habitam os becos e as “cracolândias” das grandes cidades.

No meio de nós, uma Criação explorada, destruída, escarafunchada, poluída. Rios de lama e florestas que não mais sustentam a vida. Montanhas comidas e desconfiguradas. Terras secas, monocromáticas, estéreis. No meio de nós, uma sexta extinção em massa que irá apagar para sempre tantas e tantas belezas, cores e sons dos mais diferentes animais. No meio de nós, “quem tem ouvidos, ouça”, os gemidos e lamentos que vêm das gaiolas, das cercas, das caixas, dos becos insalubres, dos confinamentos, das baías, dos galpões, dos aquários e de tantos outros espaços onde o animal não humano se encontra.

Entre nós, as mercadorias mediando as relações. Objetos grandes e pequenos, caprichos e mimos que demandaram na sua produção o metal, a água e a energia. Na sequência, o seu descarte, sem ao mesmo considerar a reciclagem. Ouvir o grito da Terra pede tradução. Qual gesto concreto? Estamos dispostos a renunciar a quê? Quanto restará de nossa existência se retirarmos a ostentação do ter?

Para tudo isso, não basta uma andorinha. É preciso a disposição de um povo, pactos entre as organizações, alianças entre famílias, políticas públicas. É o coletivo que se reúne, caminha junto e renuncia ao ter. Não será necessário deixar de lado o encontro, a amizade, a demonstração de apreço. Essas coisas não têm preço e nem demandam nada das nossas montanhas, rios, animais e florestas.

Antes de sair, é prudente olhar para dentro de si e, com humildade,

responder: o que eu preciso mudar? Reconhecer que em cada uma das realidades descritas acima tem um pouquinho de nós. Nessa emergência climática, encontraremos o nosso dedo e a nossa convivência. No mínimo, precisamos parar, recuar e declinar. Todas as bandeiras, em todas as áreas dessa enorme emergência socioambiental, estão dispostas à espera dos pés formosos que anunciam a paz, dos braços que acolhem, das cabeças que pensam e das atitudes que movem.



ALELUIA HERINGER LISBOA

Professora e doutora em educação (UFMG).
Diretora de ASG (Ambiental, Social e Governança) da Rede Lius Agostinianos.



A ECONOMIA DA ATENÇÃO E A FALTA DE FOCO

ESTRATÉGIAS E DESAFIOS NA COMUNICAÇÃO

Por Renata Dantas

Na era da informação (ou da desinformação) conquistar a atenção das pessoas é o maior desafio de uma apresentação, de uma aula, de um anúncio, ou de um texto como este. Em 2013, um estudo ganhou fama por indicar que o tempo de captura da atenção humana seria, em média, de 8 segundos. Esse dado significa que, se você chegou até aqui, este texto conseguiu capturar a sua atenção, pelo menos, neste primeiro parágrafo.

Estudos mais recentes, no entanto, demonstraram que o tempo de captura da atenção humana diminuiu ainda mais. Em 2020, ele caiu para 5 segundos e, atualmente, gira em torno de 3 segundos, apenas. Este brevíssimo espaço de tempo é que define se um indivíduo continuará, ou não, lendo ou assistindo algo. Espero que você ainda esteja aí.

Após o desafio de capturar a atenção de uma pessoa, é preciso mantê-la. De acordo com pesquisas realizadas pela professora Dra. Glória Mark (Universidade da Califórnia), que

estuda como as mídias digitais afetam a qualidade de vida da sociedade atual, em 2004 (há exatos 20 anos), o tempo médio de atenção mantida em uma tela girava em torno de 2 minutos, poucos anos depois caiu para 75 segundos, chegando agora a 47 segundos. Mark escreveu o livro *“Attention Span: A Ground-breaking Way to Restore Balance, Happiness and Productivity”* (Tempo de Atenção: Uma Forma Inovadora de Restaurar o Equilíbrio, a Felicidade e a Produtividade, na tradução livre), explicando o declínio da capacidade de concentração das pessoas.

A economia da atenção se baseia na premissa de que a atenção é um recurso escasso no mundo atual. As pessoas têm uma atenção finita e cada dia menor, e, devido ao constante bombardeio de informações, não conseguem concentrá-la em tudo, o tempo todo. Isso tem impactado a nossa capacidade de absorção de informação, de aprendizado, de foco e de concentração. Uma das hipóteses é de que a proliferação de disposi-

tivos digitais e de tecnologias agravam a situação. Essa mudança não se deve à biologia cerebral apenas, mas à velocidade da informação no ambiente moderno.

A atenção se tornou um recurso valioso, e as empresas e indivíduos competem para capturá-la e retê-la, em um ambiente sobrecarregado de informação. Isso tem implicações profundas em como as pessoas passaram a interagir umas com as outras, a consumir conteúdo e a fazer escolhas, tanto no campo pessoal quanto profissional.

As empresas digitais, como redes sociais, sites de notícias e plataformas de streaming, ganham dinheiro quando conseguem manter a atenção de alguém. Quanto mais tempo uma pessoa se mantém focada nessas plataformas, mais anúncios ela vê e mais dados sobre seus interesses e comportamentos essas empresas coletam. Por isso, a atenção é um recurso importante, pois ela gera lucro. O dinheiro flui para onde a

atenção das pessoas vai. O que é comercializado nessas plataformas é a atenção do indivíduo.

O problema social da atenção, ou melhor, da sua escassez, não está apenas no ambiente digital. A falta de foco e de concentração atinge também os demais âmbitos da vida humana, interferindo na capacidade de trabalho, de produção, de socialização e, principalmente, de comunicação.

Transmitir informação e conhecimento, de maneira aprofundada, se tornou um grande desafio cotidiano. As publicações, os artigos, os boletins informativos e os anúncios passam a apresentar cada vez menos textos, mensagens mais claras e rápidas, letras fáceis de leitura e conteúdos que não necessitam de esforço para a interpretação. Nosso cérebro é preguiçoso e a comunicação passou a trabalhar com o que chamamos de diminuição da demanda cognitiva. Quanto menos energia um anúncio demandar para ser entendido, melhor ele será. E assim vamos matando a criatividade, as cores e a profundidade da informação.

Nicholas Carr, autor do livro *"The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains"* (Superficiais: o que a internet está fazendo com nossos cérebros, na tradução livre), explora como o uso contínuo da internet está alterando a forma como pensamos, concentramos e processamos informações. Ele explica que o cérebro humano é altamente plástico, ou seja, ele se adapta e muda com base nas atividades que realizamos regularmente.

e só por último vai ler isso aqui

**VOCÊ VAI LER
ISSO AQUI PRIMEIRO**

depois vai ler isso aqui
e só depois isso aqui

O uso constante da internet, com suas interrupções frequentes e estímulos rápidos, está moldando nossos cérebros de maneiras a afetar nossa capacidade de foco e de pensamento profundo. Carr argumenta que estamos perdendo a capacidade de ler e de pensar de forma profunda, porque a internet nos condiciona a consumir informações de forma superficial, saltando de um tópico para outro, sem reflexão prolongada.

Não bastasse a dificuldade em se manter o foco, a sociedade sofre do que é chamado de atenção fragmentada, com a constante interrupção de notificações, hiperlinks e mídias sociais, nossa atenção se divide em vários fragmentos. Carr discute como essa fragmentação torna mais difícil a concentração em tarefas complexas e a manutenção de um foco sustentado, o que é essencial para o aprendizado e a criatividade.

A internet está mudando a forma como armazenamos e recuperamos informações. Nossa memória, ou

"ENTENDER O FUNCIONAMENTO DA MENTE HUMANA NOS AJUDA A PENSAR EM FORMAS DE TRABALHO, DE APRENDIZADO E DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDO QUE POSSAM REALMENTE CONQUISTAR A ATENÇÃO DE NOSSAS FAMÍLIAS, EDUCADORES E ALUNOS."

seja, nossa disponibilidade mental (a quantidade de conhecimento que temos disponível mentalmente sobre determinado assunto no momento em que nos é solicitado) está cada dia menor. No dia a dia, estamos mais dependentes de fontes externas de memória, como o Google e a agenda do celular. Essa realidade prejudica a capacidade humana de pensar com profundidade, e mais ainda de integrar e comparar teorias e versões sobre um determinado tema. Capacidades estas que são essenciais para a análise crítica e para a inovação de processos.

FOCO E CONCENTRAÇÃO

Qual seria a solução para esse problema global? Alguns autores apostam no trabalho voltado para o fortalecimento do foco e da concentração, contando com a plasticidade cerebral.

O foco sustentado permite um aprendizado mais rápido e profundo, o que é crucial para dominar *habilidades complexas*. No livro *"Deep Work: Rules for Focused Success in a Distracted World"* (Trabalho Profundo: Regras para o Sucesso Focado em um Mundo Distraído, na tradução livre), Newport enfatiza que, em um mundo no qual se recompensa a inovação e a criatividade, a capacidade de concentrar-se intensamente é essencial para se destacar. O autor critica a cultura moderna de trabalho, onde a comunicação constante e a multitarefa são frequentemente vistas como sinais de produtividade, mas que, na verdade, prejudicam a capacidade de realizar trabalho de alta qualidade.

Daniel Goleman, no livro "Foco: a atenção e seu papel fundamental para

o sucesso”, explora a importância da atenção como uma habilidade essencial para o sucesso pessoal e profissional. O autor demonstra as bases científicas do foco, explicando como o cérebro processa a atenção e os desafios associados à concentração. Ele discute como a neuroplasticidade permite que as pessoas treinem e melhorem sua capacidade de foco.

Para o autor, existem três tipos de foco que precisam ser equilibrados para uma vida plena e bem sucedida. Seriam eles o foco interno (capacidade de prestar atenção em si mesmo); o foco no outro (relacionado à empatia e à habilidade de entender e se conectar com as emoções e perspectivas de outras pessoas) e o foco externo (atenção direcionada ao mundo ao redor, incluindo o entendimento de sistemas e contextos mais amplos).

Ele argumenta que, em um mundo cheio de distrações, a capacidade de

manter e direcionar a atenção é cada vez mais crucial para alcançar metas e manter o equilíbrio emocional. Goleman ainda relaciona a capacidade de foco à liderança eficaz, argumentando que líderes bem-sucedidos são aqueles que conseguem equilibrar os três tipos de foco, compreendendo tanto as próprias necessidades, quanto a dos outros, além de saber analisar o panorama externo e mais amplo.

O autor sugere que a capacidade de estar presente no momento é crucial para uma vida plena e satisfatória. A boa notícia é que ele vê o foco não apenas como uma habilidade inata, mas como uma competência que pode ser aprimorada através da prática deliberada e de estratégias conscientes.

Entender o funcionamento da mente humana nos ajuda a pensar em formas de trabalho, de aprendizado e de produção de conteúdo que pos-

sam realmente conquistar a atenção de nossas famílias, educadores e alunos. A criatividade e a busca por novas formas de fazer comunicação, a testagem de diferentes formatos de discursos e a inovação são caminhos essenciais nessa jornada. A sociedade segue rapidamente um novo formato de processamento de informação e de pensamento. A educação precisa ter um olhar especial e carinhoso nesse processo.



RENATA DANTAS

Gestora de Comunicação e Marketing da Rede Filhas de Jesus. Especialista em Comunicação Corporativa, Gestão de Marcas e Neuromarketing.

NO LIVRO FOCO: A ATENÇÃO E SEU PAPEL FUNDAMENTAL PARA O SUCESSO, DANIEL GOLEMAN EXPLORA UMA VARIEDADE DE TEMAS RELACIONADOS À ATENÇÃO E AO FOCO. AQUI ESTÃO OS PRINCIPAIS PONTOS ABORDADOS PELO AUTOR: ELE MENCIONA VÁRIAS TÉCNICAS PARA APRIMORAR O FOCO, ENTRE AS QUAIS:

01

Mindfulness e Meditação: Goleman destaca a prática do mindfulness, que envolve prestar atenção plena ao momento presente, como uma das maneiras mais eficazes de treinar o foco. A meditação regular ajuda a fortalecer as redes neurais associadas à atenção, tornando mais fácil manter a concentração em tarefas importantes.

02

Treinamento de Atenção: Assim como os músculos do corpo, a atenção pode ser fortalecida com exercícios específicos. Goleman sugere práticas que envolvem a concentração prolongada em uma tarefa específica e o retorno à tarefa sempre que a mente se distrai.

03

Criação de Ambientes Favoráveis: Ele também aconselha a criar ambientes que minimizem as distrações, permitindo que o foco seja mantido com mais facilidade. Isso pode incluir ajustes no espaço físico de trabalho ou a limitação do uso de dispositivos eletrônicos durante tarefas que exigem alta concentração.

04

Desenvolvimento de Hábitos: Estabelecer rotinas e hábitos que suportem a concentração, como períodos regulares de trabalho ininterrupto, pode ajudar a melhorar o foco ao longo do tempo. A consistência é chave para o desenvolvimento dessa habilidade.

05

Autoconsciência: Goleman também destaca a importância de desenvolver a autoconsciência, que permite reconhecer quando a mente está distraída e trazê-la de volta à tarefa em questão. Isso é parte do foco interno, que pode ser cultivado para melhorar a gestão da atenção.

ARTIGO



OS PREJUÍZOS DO USO EXCESSIVO DE TELAS: UMA REFLEXÃO SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

ESTRATÉGIAS E DESAFIOS NA COMUNICAÇÃO

Por Bárbara Sant'Anna

O uso de telas se tornou uma constante na vida moderna, a ponto de ser raro encontrar alguém sem um celular, tablet ou computador. As crianças atuais são confrontadas com a emblemática "tela" desde o nascimento, ao contrário das gerações anteriores, que exploravam o mundo real e palpável, o qual não eram os objetos (telas) que brilhavam em seus olhos, mas sim seus olhos que "brilhavam" ao contemplar o objeto. Tal artigo discutirá os malefícios desse uso excessivo dos aparelhos e seu impacto negativo no desenvolvimento infantil, em diferentes aspectos.

O COMPROMETIMENTO DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

De acordo com Gastaud (2023), o uso excessivo de dispositivos eletrônicos começa a gerar prejuízos cognitivos em crianças quando a exposição ultrapassa o limite de duas horas diárias.[1], o que ocorre com frequência. Zhang (2023) aborda as consequências disso, e o quanto afeta as funções executivas, impactando negativamente a "Memória de Trabalho".[2] A qual desempenha um papel fundamental no dia a dia, auxiliando na retenção de informações essenciais para a execução de tarefas diárias, como cálculos

simples, memorizar algum número, acompanhar e compreender leituras. Essa capacidade está ligada às funções executivas. Um exemplo claro do funcionamento da Memória de Trabalho e das funções executivas pode ser observado em bebês com cerca de um ano de idade, que já demonstram compreensão da permanência dos objetos. Ao escondermos um brinquedo, a criança é capaz de procurá-lo, evidenciando uma capacidade cognitiva desenvolvida, sustentada pela memória de trabalho e pelas funções executivas. Desta forma, é possível notar a importância de uma cognição

saudável. No exemplo dado anteriormente, dificuldades poderiam ser apresentadas pela criança caso houvessem atrasos na Memória de Trabalho e sua função executiva, levando ainda a, posteriormente, se transformarem em dificuldades pedagógicas.

A SUBSTITUIÇÃO DOS ESTÍMULOS PRIMORDIAIS PELAS TELAS:

Para iniciar este tópico, é necessário fazer uma pequena viagem no tempo, retornando às décadas de 1970 e 1980, e lembrar a infância vivida nesse período. Durante esses anos, a tecnologia era escassa, e os smartphones, hoje onipresentes nas mãos das crianças, simplesmente não existiam. As crianças passavam o tempo brincando e explorando sua criatividade. As horas eram gastas em companhia dos colegas, em ambientes fora de casa, como quintais ou até mesmo nas ruas. Esses momentos simples, que poderiam parecer banais, na verdade desempenhavam um papel crucial no desenvolvimento infantil. As crianças eram naturalmente estimuladas, o que contribuía para o desenvolvimento da coordenação motora fina/ grossa, da cognição, da função executiva, da criatividade, da linguagem e da socialização. Por exemplo, uma criança daquela época costumava brincar ao ar livre com os colegas, nesse contexto, a criança sentia o cheiro da grama, ouvia o

canto dos pássaros e tocava a terra, o que já representava um importante estímulo sensorial. Conforme mencionado na Revista Nova Escola, as crianças tendem a aprender mais quando seus sentidos são estimulados. Nesse sentido, as atividades sensoriais são essenciais para o desenvolvimento infantil, possibilitando que os pequenos conheçam o mundo por meio de cheiros, texturas e sons.[3]

Além disso, as crianças criavam brincadeiras que exigiam coordenação motora fina, como pegar pequenos objetos do chão, o que favorecia o desenvolvimento do movimento de pinça-habilidade que seria útil mais tarde, por exemplo, ao começar a utilizar o lápis na escola. Brincadeiras como “corre-cutia” e

“pega-pega”, estimulava o raciocínio, além de desenvolverem o equilíbrio corporal. Segundo Vygotsky (1984), ao brincar, a criança adquire noções espaciais, aprende e desenvolve seu cérebro para funções como falar e andar.[4] Por meio dessas e de outras brincadeiras, as crianças recebiam estímulos fundamentais para seu desenvolvimento, os quais seriam de extrema importância posteriormente. Isso ocorria fortemente na primeira infância, uma fase crucial para o desenvolvimento humano. Nesse contexto, o sistema de ensino Bernoulli apresentou uma proposta voltada para essa etapa, destacando a importância da primeira infância, que abrange dos 0 aos 6 anos de idade. A proposta enfatiza que essa fase é determinante para um desenvolvimento saudável ao longo da vida,



"COM O USO CRESCENTE DE DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS, O ATO DE SOCIALIZAR TEM SE TORNADO MENOS FREQUENTE E AS INTERAÇÕES INTERPESSOAIS TÊM DIMINUÍDO SIGNIFICATIVAMENTE."



salientando que a qualidade dos estímulos, vivenciadas pelas crianças nesse período exerce um papel fundamental no desenvolvimento.

AS IMPLICAÇÕES NAS DINÂMICAS DE SOCIALIZAÇÃO:

Com o uso crescente de dispositivos eletrônicos, o ato de socializar tem se tornado menos frequente e as interações interpessoais têm diminuído significativamente. Esse fenômeno também tem impactado as crianças, que, em muitos casos, estão perdendo o interesse e capacidade de socializar. Segundo Vygotsky (1991), a interação social é a base do aprendizado e do desenvolvimento intelectual. O autor sublinha repetidamente o papel crucial das interações sociais na vida de uma criança em formação, destacando seus benefícios para o crescimento pessoal.[4] Assim, é importante destacar a relevância da socialização infantil, que muitas vezes ocorre por meio de brincadeiras cotidianas. À medida em que as telas substituem essas brincadeiras, conseqüentemente as interações sociais também diminuem, o que pode levar a prejuízos no desenvolvimento integral do indivíduo. Neste ano

de 2024, a Campanha da Fraternidade também abordou a importância das relações interpessoais, promovendo e fortalecendo os vínculos de amizade. Portanto, é essencial reconhecer a importância das interações sociais, não apenas no contexto do desenvolvimento, mas também para o fortalecimento das relações humanas em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso excessivo de telas em crianças traz prejuízos em várias esferas, afetando tanto o desempenho escolar quanto as relações interpessoais. Esses impactos não são imediatos, mas se manifestam a longo prazo, muitas vezes repercutindo na vida adulta. Pais e educadores devem estar atentos a essa questão. Segundo Winnicott, o ato de brincar é essencial, pois é nele que a criança encontra total liberdade de criação.[5].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] GASTAUD, Luiza Morrone et al. Screen time: Implications for early childhood cognitive development. *Early Human Development*, v. 183, p. 105792, 2023.

[2] ZHANG, Zhiguang et al. Associations between the child care environment and Children's in-care physical activity and sedentary time. *Health Education Behavior*, v. 48, n. 1, p. 42-53, 2021.

[3] <https://novaescola.org.br/conteudo/21616/brincadeiras-sensoriais-entre-descobertas-e-desenvolvimento>.

[4] VYGOTSKY, L. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

[5] Winnicott, D. D (1975). *O Brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Emago Editora.



BÁRBARA SANT'ANNA

Psicóloga, Auxiliar de Classe IECJ.

ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO

UMA CONTRIBUIÇÃO DA NEUROCIÊNCIA



Por Isabella Baldasso de Oliveira

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um olhar mais detalhado sobre Altas Habilidades e Superdotação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de entender do que se trata esse conceito, quais são as características pedagógicas e emocionais de crianças que apresentam esse diagnóstico e quais suas implicações na área da educação. Além disso, o trabalho também tem como finalidade apontar como a área da Neurociência pode ajudar familiares, professores e outros profissionais no processo de ensino-aprendizagem dessas crianças. Concluiu-se que entender como o cérebro aprende é de extrema importância para ajudar essas crianças no seu processo escolar.

INTRODUÇÃO

A sala de aula comum foi e ainda é projetada para o aluno “ideal”: aquele que acompanha o ritmo da turma e que não precisa de um atendimento individualizado. Os alunos abaixo da média, os alunos acima da média e os alunos público-alvo da Educação Especial ainda encontram obstáculos no processo de ensino-aprendizagem.

Os alunos com AH/SD - Altas Habilidades e Superdotação são

considerados, pela legislação brasileira, público-alvo da Educação Especial. São estudantes que: demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008).

Assim sendo, alunos com AH/SD têm direito de receber AEE - Atendimento Educacional Especializado. Mas como isso pode ser desenvolvido na sala de aula comum? Como é possível adaptar o currículo para o desenvolvimento desses alunos? Como eles podem ser definitivamente incluídos na sala de aula e como podem desenvolver suas habilidades e potencialidades? Essas foram algumas das questões norteadoras para a escrita do presente artigo e que tentarei, com a contribuição da Neurociência, expor reflexões sobre elas.

ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO

Joseph Renzulli (1936) é uma grande referência no estudo da superdota-

ção. O estudioso explica o comportamento superdotado através da Teoria dos Três Anéis, criada por ele próprio. Essa teoria nasce da interação de três conjuntos: habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade.

Renzulli destaca a problemática de tentar definir a superdotação de uma única forma, e apresenta duas categorias para melhor compreendermos os comportamentos superdotados: “superdotação escolar ou acadêmica” e “superdotação criativo-produtiva” (RODRIGUES; KONKIEWITZ, 2014).

Na superdotação escolar, o aluno tem destaque na escola, com notas elevadas. Já na superdotação criativo-produtiva, a pessoa se destaca em uma área específica e pode apresentar notas escolares baixas (RONDINI; REIS, 2021).

O professor da sala de aula comum precisa, primeiramente, conhecer as habilidades e as necessidades educacionais do seu aluno com AH/SD. Feito isso, precisa adaptar o currículo comum a fim de oferecer algo a mais para essa criança se

desenvolver nas suas potencialidades e não perder o interesse pelo aprendizado, aspecto muito comum nas crianças com AH/SD.

A proposta de oferecer enriquecimento curricular para crianças com AH/SD se resume na oferta de atividades extras, diferentes daquelas apresentadas no currículo comum. O interesse do aluno deve ser considerado na elaboração das atividades, sendo importante sua participação ativa no processo (RONDINI; REIS, 2021).

"COMPREENDER AS FUNÇÕES DO CÉREBRO É FUNDAMENTAL PARA PROFESSORES, FAMILIARES E PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM COM CRIANÇAS COM AH/SD."

O enriquecimento curricular deve ser pensado e oferecido com intencionalidade e com objetivos definidos. "Mais uma vez, vamos pensar na intencionalidade, que não é oferecer algo a mais por oferecer. É preciso ter um propósito pedagógico" (RONDINI; REIS, 2021).

NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Com a ajuda da Neurociência podemos estudar sobre os processos neuropsicocognitivos que intervêm na aprendizagem. No presente trabalho, irei abordar os mecanismos da atenção, memória e emoção.

A atenção trata-se de uma condição básica para os processos cognitivos. Sem a atenção, a aprendizagem não acontece. Vale destacar que o cérebro só irá prestar atenção naquilo que tem significado e relevância para a vida do indivíduo.

Outro mecanismo biológico fundamental para o processo de ensino-aprendizagem é a memória. Inicialmente, a informação recebida deve passar pelo filtro da atenção, mecanismo já descrito acima. Depois, para a informação recebida tornar-se um registro definitivo no cérebro, ela precisa passar por processos de repetição, elaboração e consolidação. A informação que for acessada mais vezes e que tiver associação com registros já existentes, terá mais chances de virar uma memória de longa duração (CONSENZA; GUERRA, 2011).

As emoções também interferem na aprendizagem na medida que são um indicativo de que algo importante está acontecendo. Se uma informação, com valor emocional, é apreendida pelo indivíduo, ela pode estimular os processos atencionais e de consolidação da memória, facilitando a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Crianças com AH/SD apresentam um excelente desenvolvimento cognitivo, além de apresentarem um grande potencial criativo na realização de tarefas. Compreender as funções do cérebro é fundamental para professores, familiares e profissionais que trabalham com crianças com AH/SD.

Para que de fato ocorra a inclusão de alunos com AH/SD na escola regular é essencial que os professores tenham formação acadêmica sobre o assunto: conheçam as particularidades de crianças com esse diagnóstico e tenham intencionalidade no momento de desenvolver as atividades de enriquecimento curricular, sempre levando em consideração as bases neurais da aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, Secretaria de Educação Especial, 2008.

CONSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. Neurociência e Educação: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado e TERÁN, Nora Espinosa. Dificuldades de Aprendizagem: Detecção e estratégias de ajuda. Equipe Cultural.

PEREZ, S. G. P. B.; FREITAS, S. N. Características dos alunos com altas habilidades ou superdotação (AH/SD). São Paulo: AVA Moodle Unesp [edutec], 2016.

RENZULLI, Joseph S. Whats makes giftedness? Reexamining a definition. Phi Delta Kappan, n. 60, pp. 180-184, 261, 1978.

RODRIGUES, Angela M.; KONKIEWITZ, Elisabete Castelon (orgs.). Altas habilidades/ superdotação, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

RONDINI, Carina Alexandra; REIS, Verônica L. dos (orgs.). Altas Habilidades/ Superdotação: Instrumentais para identificação e atendimento do estudante dentro e fora da sala de aula comum. Curitiba: CRV, 2021.



ISABELLA BALDASSO DE OLIVEIRA

Pedagoga, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Neurociência aplicada à Educação. **Professora do 4º ano, ImaculadaCampinas.**

A photograph showing a group of young children in a classroom. Some are sitting on red chairs, while others are standing near a red brick wall with arched doorways. One child is wearing a costume that looks like a bear or a similar animal. The scene is brightly lit, suggesting an outdoor or well-lit indoor environment.

EVOLUINDO COM O NOSSO MODO PRÓPRIO DE EDUCAR

A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é uma etapa marcante e de grande importância na vida de uma pessoa. É a principal fase de desenvolvimento humano, onde com maior precisão e velocidade as células neurais se formam e numerosas janelas de aprendizado estão abertas.

Diversos estudos científicos têm demonstrado que as primeiras experiências vividas na infância, bem como intervenções e serviços de qualidade ofertados nesse período, estabelecem a base do desenvolvimento. Ou seja, o que acontece nos primeiros anos de vida de uma criança é fundamental para todo o seu desenvolvimento. E isso afeta para além de si mesma, também toda a sociedade e conseqüentemente o mundo, a nossa Casa Comum.

A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO E DA ROTINA

A escola, como ambiente de desenvolvimento de diversos aspectos e formação, e que acompanha uma

pessoa durante um grande período de sua vida, é um lugar que se debruça no estudo do Ser Humano, e guiando esse processo ano após ano, temos curiosos, engajados e estudiosos profissionais que, além da qualificação profissional, também compreendem as necessidades e especificidades de cada fase do desenvolvimento, e constroem estratégias que desenvolvam, ao longo dessa jornada inicial, importantes conceitos que as crianças levarão para toda a vida. Falo dos educadores.

A partir, por exemplo, das noções de pertencimento que vivenciam na Educação Infantil, e de como os educadores organizam a acolhida e a rotina, as crianças transcendem para as demais situações do cotidiano. Vivenciam as experiências na segurança de um ambiente controlável e acolhedor - que é a escola, para reproduzirem nas mais diversas fases e situações da vida.

Desenvolver e vivenciar as rotinas na Educação Infantil é algo fundamental

para que as crianças constituam hábitos e tenham experiências que auxiliem em sua aprendizagem e desenvolvimento.

As rotinas devem ser propostas flexíveis, porém, em muitas situações precisam ser, também universais e padronizadas, auxiliando a criança a aprender normas, a ter horários para alimentação, higiene, sono, assim como para atividades ligadas ao educar. Isso auxilia a criança a ter organização, segurança, assim como a construir sua autonomia, vivenciando o seu protagonismo com leveza e confiança.

OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tomamos como referência o que as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe, para esta etapa - que é uma organização curricular em Campos de Experiências, onde as práticas pedagógicas acontecem com intencionalidade e levem em conside-

ração que bebês e crianças aprendem e se desenvolvem a partir das experiências cotidianas.

A BNCC organiza a Educação Infantil em torno de 6 direitos de aprendizagem: EXPRESSAR, CONVIVER, BRINCAR, PARTICIPAR, EXPLORAR E CONHECER-SE.

Para cada um desses direitos há uma gama de possibilidades para ser garantidas, vivenciadas e aprendidas.

Quando se diz CONVIVER, está se referindo a convivência com outras crianças mas também com adultos, tanto em pequenos quanto em grandes grupos, utilizando-se do mais variado repertório de linguagens, conquistando assim maior conhecimento de mundo, observando a diversidade e construindo suas percepções.

" ORIGENS E ATUALIDADE, PASSANDO POR UMA TRAJETÓRIA DE MAIS DE UM SÉCULO E MEIO, EM UM CONJUNTO DE REGIÕES, PAÍSES E CONTINENTES DIVERSOS, SÃO AS FONTES QUE NOS INSPIRAM NO NOSSO MODO PRÓPRIO DE EDUCAR."

No conceito de PARTICIPAR, acredita-se numa participação ativa, seja das atividades propriamente ditas, como também na escolha de tais, elaborando conhecimentos e desenvolvendo a capacidade de decidir e posicionar-se nos diferentes assuntos e/ou situações.

Quando se toca no EXPRESSAR, pensa-se no sujeito dialógico, que se



emociona, que têm dúvida, que lança hipóteses, que questiona e emite opinião.

Acredita-se que na medida que as crianças imergem nessas vivências diárias, consolidam aprendizados significativos, pois são colocadas no centro do processo, vivenciando ativamente o repertório de experiências.

Por esse motivo, tanto se destaca a importância da INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA, pois seu pressuposto é a integração do currículo em todo o planejamento das menores às maiores experiências do cotidiano, que somadas durante todo processo, ganham corpo e dão contorno ao sujeito que está se constituindo.

Na vivência e integração de todos esses campos de experiência, destacamos as rotinas e sua importância na jornada da Educação Infantil, tais como: acolhimento e despedida, atividades em pequenos ou grandes grupos, sendo livres ou dirigidas; com diferentes contextos de aprendizagem - na escola, em

festividades, em família, nas rodas de conversa ou contação de histórias, nas rotinas de cuidado pessoal e alimentação, etc.

Pensar o currículo a partir de campos de experiência nos permite mudar o paradigma do professor detentor e condutor pleno do conhecimento, para o olhar que aprende e ensina a partir da perspectiva da criança. E, pensando nesse viés, é necessário garantir tempo e espaço para que a criança vá explorando e testando todas as possibilidades, para então se apropriar das aprendizagens.

Definitivamente é preciso estancar as posturas rígidas e inflexíveis que coíbem as crianças de reagirem às proposições e criarem diferentes percursos de exploração e respostas. Portanto, a organização das atividades pedagógicas precisam estar à serviço dos campos de experiência e não o contrário. Os campos de experiência precisam ser pensados e vivenciados de forma integrada e transcendente, pois se complementam e fortalecem o significado das propostas pedagógicas.

A TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Neste íterim, destaco a contribuição e alinhamento com a “Teoria da Aprendizagem Significativa” de Ausubel, que distingue 3 tipos gerais de aprendizagem: cognitiva, afetiva e psicomotora.

A cognitiva é aquela que resulta no armazenamento organizado das informações. A afetiva resulta de sinais internos ao indivíduo e pode ser identificada como alegria, insatisfação, prazer, etc. Diz também que algumas experiências afetivas acompanham as cognitivas, portanto são concomitantes. E, por fim, a aprendizagem psicomotora que envolve respostas musculares adquiridas por treino e prática.

Para Ausubel, a aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se com um aspecto especificamente relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo. À medida que a aprendizagem vai se tornando mais significativa é maior a possibilidade de ancorar a informação e transformá-la em conhecimento.

NOSSO MODO PRÓPRIO DE EDUCAR

Impossível não associar e compartilhar um pensamento que ressoa forte dentro de mim, considerando a construção de pensamento até aqui, que é o olhar para a BNCC, como um divisor de águas, escrito por muitas mãos, após anos de estudo, coleta de informações, análise de dados quali e quantitativos, contudo um documento historicamente recente. Unir à Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel, datada de 1968 - então falamos de 56 anos, e imediatamente deslumbrar e enaltecer Madre Cândida, e todo o seu pioneirismo e visibilidade, mais ainda fascinar

com a fé inabalável e o temor à Deus, pedindo incansavelmente ao Senhor a graça de acertar as pessoas eleitas e iniciar a expansão missionária pelo nosso amado país. Ler e refletir sobre o “Nosso Modo Próprio de Educar”, tão singular e marcante nas escolas da Rede Filhas de Jesus e seu jeito de fazer a Educação.

Nos fala de uma escola com educação integral que aspira e coopera no processo de crescimento e maturação de pessoas capazes de servir e amar a todos, com seu conhecimento adquirido numa escola que vive em pastoral educacional, e assim iluminados por esta grande fonte inspiradora, todos os dias, acolhemos nossos alunos e caminhamos ao lado de nossa comunidade educativa, garantindo que a partir de nosso exemplo as crianças possam construir um mundo melhor e mais humano.

Acreditamos na importância da Educação Infantil no ciclo inicial de vida da criança, compreendendo que ambiente, afeto e rotina, influenciam sistemicamente na evolução da criança. Por isso cuidamos com tanto amor, alegria e esperança desses pequenos futuros cidadãos do mundo.

“Origens e atualidade, passando por uma trajetória de mais de um século e meio, em um conjunto de regiões, países e continentes diversos, são as fontes que nos inspiram no nosso modo próprio de educar.”

Adaptado do Nosso Modo Próprio de Educar - Filhas de Jesus

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSUBEL, David P. A teoria da aprendizagem significativa: A educação e a construção do conhecimento. São Paulo: Editora Vozes, 2003.

LINS, A. P. & SANTOS, M. A. Educação Infantil em Tempos de Crise: Reflexões e Perspectivas. Revista de Estudos Pedagógicos, 18 (23-39), 2023.

LOPES, J. R. A BNCC e os direitos de aprendizagem na Educação Infantil: reflexões e práticas. Revista Brasileira de Educação, 23 (1-20), 2018.

SCHIMIDT, L. Os direitos de aprendizagem na Educação Infantil: uma análise da BNCC. Educação e Pesquisa, 45 (55-72), 2019.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, D. W. A criança e o seu mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1975.



PRISCILA TASSARA STREPCO

Coordenadora da Educação Infantil IECJ. Musicoterapeuta. Especialista em Psicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva e Gestão Escolar.



IMPORTÂNCIA DAS AULAS PRÁTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E COMPETÊNCIAS

Por Maria Cecília Quaresma

A aula prática constitui um importante recurso metodológico facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

Sabemos que um dos grandes desafios de hoje, na educação, é oferecer uma aprendizagem efetiva para a diversidade de adolescentes presentes em nossas escolas. Somente o uso do método com aulas tradicionais não atende as necessidades da geração atual de estudantes. Precisamos ir além.

É necessário desafiar e proporcionar aulas, independentemente do componente curricular, nas quais esses alunos possam experimentar o que foi ensinado e desenvolver habilidades como: comunicação e argumentação, colaboração, criatividade,

empatia, autonomia, resolução de problemas, pensamento crítico, bem como a motivação e o interesse.

As aulas práticas e os projetos pedagógicos desempenham esse papel crucial na formação educacional, oferecendo aos estudantes a oportunidade de aplicar conhecimentos teóricos em situações reais e simuladas. É importante salientar que essas abordagens práticas são transversais em todos os segmentos da vida escolar. Essa metodologia de ensino não apenas reforça a teoria, mas também desenvolve as habilidades práticas citadas, promovendo uma compreensão mais profunda e significativa dos conteúdos abordados.



No Colégio Imaculada Conceição de Leopoldina, contamos com laboratórios completos de Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza, que nos possibilitam oferecer, frequentemente, atividades práticas diversas para nossos alunos, contribuindo para planejar, organizar e potencializar as intencionalidades do Projeto Educativo. Através da execução dos experimentos nos laboratórios, eles são capazes de observar diretamente os efeitos e resultados de suas ações, o que facilita a assimilação dos conceitos teóricos. Essa abordagem prática ajuda a solidificar o conhecimento, tornando-o mais concreto, aplicável e significativo. Pautamos nosso modo de educar em uma educação mais livre, criativa, possibilitando experiências de aprendizagem.

" SOMENTE O USO DO MÉTODO COM AULAS TRADICIONAIS NÃO ATENDE AS NECESSIDADES DA GERAÇÃO ATUAL DE ESTUDANTES."

Outro exemplo dessa metodologia é o nosso Projeto Raízes. O projeto foi implementado pela professora de História, Virginia Cabral, e as atividades objetivam valorizar as culturas afro-brasileiras e dos povos originários, desenvolver atitudes de respeito às etnias, combater estereótipos e preconceitos e trazer ao centro das discussões a Lei 1.063/2003, que tornou obrigatório o ensino da história da cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do Fundamental ao Ensino Médio.



Nesse projeto, alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental Anos Finais confeccionam cartazes mostrando, através de imagens, a importância dessas culturas. Os alunos do Ensino Médio elaboram um caderno de atividades apresentando o conteúdo de forma lúdica sob a supervisão da Professora Virginia Cabral, idealizadora do Projeto. Preparam e levam para escola alimentos e artesanatos de origem africana e indígena para uma feira que culmina o Projeto e acontece durante todo o dia, alcançando o público-alvo da Educação Infantil ao Ensino Médio. Nesse dia de culminância, os alunos apresentam coreografias tradicionais, juntamente com o grupo Pérola Negra, um grupo que, através da sua arte dançante, conscientiza seus membros e o

público da importância do negro na sociedade. Os alimentos, artesanatos e o caderno de atividades são vendidos e toda a renda é destinada à Comunidade Terapêutica Levanta de Novo, que presta um serviço conceituado no auxílio e orientação a dependentes químicos e familiares, promovendo a vida e resgatando a dignidade humana na região.

Reaver e valorizar a história, a cultura afro-brasileira e dos povos originários é um passo inicial rumo à reparação humanitária para esses cidadãos, pois abre caminhos para a nação brasileira adotar medidas para corrigir danos sociais, físicos e psicológicos resultantes do racismo e de formas conexas de discriminação.

Enfim, a aula prática é uma importante ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de habilidades e competências, transformando o estudante em sujeito da aprendizagem para a construção significativa do conhecimento.



MARIA CECÍLIA QUARESMA

Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio do Colégio Imaculada Conceição de Leopoldina. Pós-graduada em Língua Inglesa e graduada em Letras com licenciatura.

ANO LETIVO SEM BULLYING

PROGRAMAS PREVENTIVOS PARA EVITAR O PROBLEMA NAS ESCOLAS



Programa Escola Sem Bullying

Com frequência, ouvimos que os jovens são o futuro. E que um futuro promissor tem relação direta com uma juventude saudável e bem instruída. Por isso, a educação costuma protagonizar as pautas que tratam da infância e da adolescência. Afinal, é um direito básico garantido por Constituição e figura entre as grandes preocupações de quem vive no Brasil – uma pesquisa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), realizada entre 2011 e 2015, aponta que o tema encabeça a lista de questões mais valorizadas pelos brasileiros. Nesse contexto, o ambiente escolar, assim como seus agentes educadores, tem papel fundamental para a construção de um amanhã melhor – e para a formação daqueles que serão parte dele.

Mas, além de um espaço de transmissão de conhecimento, a escola também é um lugar de interação social; e, por vezes, esse convívio não

acontece de forma saudável. Definido como uma das formas de violência que mais crescem no mundo, o bullying é um tema preocupante e recorrente no ambiente educacional, que está diretamente ligado ao processo de aprendizagem do aluno. A questão perpassa brincadeiras e piadas de mau gosto e se torna um problema bastante democrático, afetando estudantes de todas as idades em diversos contextos sociais.

COM APOIO E PREVENÇÃO, O PROGRAMA ESCOLA SEM BULLYING LUTA CONTRA O BULLYING E A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

É nessa conjuntura que a **Abrace – Programas Preventivos** atua, buscando instruir alunos, e capacitando professores e funcionários para agirem de maneira efetiva diante do problema. Com uma abordagem pedagógica leve e instrutiva, a instituição criou o Programa “**Escola Sem Bullying**”. O Programa, com

vasta experiência no assunto, possui ação interdisciplinar e combate a questão em diferentes frentes. Com uma grade que inclui pesquisas para medição do índice de bullying escolar, cursos de capacitação para educadores, palestras para alunos e famílias, planos de aula, livros paradidáticos exclusivos, sendo 12 títulos com abordagens voltadas para o tema e específicas para cada faixa etária, que

"SEGUNDO ESTUDOS, 40% DOS ESTUDANTES JÁ SOFRERAM ALGUM TIPO DE BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR. A VIOLÊNCIA ATINGE ALUNOS E EDUCADORES E DESPONTA COMO UMA FORTE CAUSA PARA DIFICULDADES DE CONCENTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. DIANTE DESSE QUADRO, A ABRACE – PROGRAMAS PREVENTIVOS AJUDA INSTITUIÇÕES A PREVENIR E CONTROLAR O PROBLEMA."

abranchem a Educação Infantil ao 3º ano do Ensino Médio. Além do auxílio na criação de políticas pedagógicas de prevenção, disponibilização de aplicativo para combater o cyberbullying e apoio na intervenção e mediação de casos de se torne uma página virada na vida de jovens e profissionais.

O diretor-geral da instituição, Especialista em Prevenção ao Bullying pela Clemson University, e Especialista em Práticas Restaurativas pelo International Institute for Restorative Practices, Benjamim Horta, destaca os resultados positivos já obtidos pelo programa ao longo de suas aplicações: “foi constatado que, por meio de todas as ações pedagógicas aplicadas no **“Escola Sem Bullying”**, conseguimos alcançar uma redução significativa na prática do *bullying* nas escolas.” À medida que o Programa é aplicado, professores relatam um maior interesse dos alunos pela escola e uma melhora até mesmo no rendimento acadêmico. “É preciso reconceituar o tema, suas definições e critérios de identificação, com o objetivo de levantar questões que dizem respeito não somente ao que é certo ou errado, bem ou mal. Mas sim ao que é ético, moral e excelente, e de como essas questões podem nos ajudar a compreender a humanidade do ponto de vista autônomo e empático, possibilitando a reumanização da sociedade”, finaliza Horta, que conta com uma perspectiva bastante animadora impulsionando seu trabalho: “além de ajudarmos as vítimas, notamos uma mudança efetiva no comportamento dos agressores. Alunos que praticam bullying na adolescência tem quatro vezes mais chances de terem passagens pela polícia até os 24 anos de

idade, e o formato de disciplina positiva utilizado no Programa alcança o agressor em sua demanda específica.”

BULLYING: O PANORAMA DE UM PROBLEMA NACIONAL

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), um percentual superior a 40% dos estudantes adolescentes admitiram ao Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), já ter sofrido com a prática de *“bullying”*, de provocação e de intimidação.

Ainda, cerca de 38% das escolas brasileiras dizem enfrentar problemas de *bullying*, segundo dados do 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Se as razões costumam ser nebulosas, as consequências, porém, são bastante claras: além de um possível isolamento e de queda do rendimento escolar, crianças e adolescentes vítimas desse tipo de violência podem apresentar doenças psicossomáticas e sofrer traumas que influenciem seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Em casos extremos, o *bullying* pode levar o jovem a considerar opções trágicas, como o suicídio.

Apesar de parecer um problema exclusivo das novas gerações, o bullying, desligado de sua terminologia, sempre existiu. No entanto, o primeiro a relacionar a palavra ao fenômeno foi o professor da

Universidade da Noruega, Dan Olweus, no fim da década de 1970. Estudando tendências suicidas entre adolescentes, ele descobriu que a maioria das vítimas tinha sofrido algum tipo de abuso ou ameaça e que, aquilo que parece, à primeira vista, uma mera brincadeira, pode afetar emocional e fisicamente o alvo da ofensa.

PREVENÇÃO COMO CHAVE PARA UM PAÍS SEM BULLYING

Com o passar do tempo, as consequências dramáticas de tais ações e a impunidade que lhes acobertava deram destaque à necessidade de discutir o tema de forma mais séria. Em 2015 entrou em vigor, em todo o território nacional, a Lei do Programa de Combate à Intimidação Sistemática. Na prática, a lei 13.185 define o que é bullying e como as escolas devem agir para evitá-lo.

Outra Lei que foi aprovada em 2018, visa reforçar o combate ao bullying nas instituições de ensino. Ela acrescenta, ao artigo 12 da Lei nº 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) dois incisos que determinam que “todos os estabelecimentos de ensino terão como incumbência promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência”. Em suma, todo ato de violência física ou psicológica praticado por uma ou mais pessoas na tentativa de intimidar e agredir alguém deve ser combatido pelas instituições de ensino por meio de programas de prevenção e conscientização.





GESTÃO E LIDERANÇA EDUCACIONAL

Por Cássia Lara Neves de Araújo

A gestão escolar enfrenta desafios cada vez mais complexos e, diante dessa realidade, a forma de atuação do gestor torna-se fundamental para assegurar um ambiente educacional inclusivo, fraterno, justo, pacífico, um ambiente verdadeiramente **EM PASTORAL**, além de garantir uma gestão democrática e eficiente. Sabemos da importância de conciliar os pilares da instituição - pedagógico, administrativo e pastoral, além de dar conta de toda a pressão interna e externa, onde se faz necessário avaliar, acompanhar e promover ações a partir do que se identifica como força, fraqueza, ameaças e oportunidades.

Heloísa Lück destaca que há uma relação direta entre a qualidade de liderança dos gestores e a qualidade do ensino e desempenho dos alunos. Reforça que os cargos que têm por obrigação a liderança devem se dedicar ao estudo, à observação e à reflexão sobre a mesma para que possam exercê-la de forma completa. Importante aqui reforçar sua fala no livro *Liderança em Gestão Escolar*, onde diz: *“Aliás, é importante reconhecer que todo trabalho em educação, dada a sua natureza formadora, implica ação de liderança, que se*

constitui na capacidade de influenciar positivamente pessoas, para que, em conjunto, aprendam, construam conhecimento, desenvolvam competências, realizem projetos, promovam melhoria em alguma condição, e até mesmo divirtam-se juntas de modo construtivo, desenvolvendo as inteligências social e emocional.” (Lück, 17)

Lück propõe uma visão de gestão que vai além dos aspectos administrativos e burocráticos, focando o papel fundamental da liderança na construção de um ambiente educacional eficaz e transformador. Segundo Lück, a gestão é um processo que deve ser participativo, com objetivos claros, alinhados com a missão, a visão e os valores da instituição. Para ela, o conceito de gestão envolve a gestão participativa, liderança educacional, foco na qualidade da educação, planejamento estratégico,

avaliação como ferramenta de gestão e visão sistêmica, ou seja, a gestão escolar deve ser estratégica, participativa, centrada na liderança e focada na melhoria contínua da qualidade educacional.

Seguindo a linha de Heloísa Lück, o professor Renato Casagrande coloca que tanto os aspectos de gestão como os de liderança são fundamentais para a condução das instituições, sendo importante saber agir em cada momento e em cada situação, colocando-se de forma austera para manter o controle, porém sendo maleável e flexível, quando a situação assim o exigir. Ele coloca também que a atuação do gestor pode ser desmembrada em oito papéis interdependentes que, quando exercidos de forma equilibrada, promovem a gestão democrática e consolidam a liderança dentro da instituição educacional. Atentar à importância de cada um desses papéis, nos ajuda a entender o trabalho do gestor e o quanto sua capacidade de integrá-los é uma das chaves para o sucesso da instituição.

"A GESTÃO SENSIBILIZA, ENGAJA E MOBILIZA AS PESSOAS PARA CONDUZIR A ORGANIZAÇÃO NA BUSCA DA CONCRETIZAÇÃO DA MISSÃO, VISÃO E VALORES."

Nessa perspectiva, Casagrande nos aponta que esses papéis estão focados em quatro pontos que são de

extrema importância para a comunidade escolar, referentes ao público interno e externo. Para o atendimento interno, o foco é a gestão de pessoas, os processos administrativos e pedagógicos, ou seja, da instituição como um todo, em sua inteireza. Para o público externo, atenta-se aos objetivos institucionais e à sociedade, alinhados à Rede a qual a instituição pertence e aponta como missão, visão e valores, além de o cenário socioeconômico e cultural. Como Santa Cândida já alertava, atentar para os sinais dos tempos, ou seja, estar atento à sociedade, à realidade de cada momento.



Fonte: Casagrande, Renato. Gestão Escolar e os oito papéis do Gestor.

Vejamos de forma sintética, no quadro a seguir:

	EMPREENDEDOR	Compreende cenários e identifica as oportunidades e necessidades de mudanças no ambiente.
	NEGOCIADOR	Estabelece relacionamentos, parcerias e acordos com a comunidade e a sociedade organizada.
	PLANEJADOR	Define diretrizes, objetivos, estratégias e metas alinhadas com a visão, missão e valores institucionais.
	ORGANIZADOR	Organiza a estrutura, processos e recursos para implementar a estratégia concebida quando no papel de planejador
	ORIENTADOR	Coordena e orienta a implantação de projetos, a execução de ações e rotinas da instituição
	MONITOR	Avalia o desempenho das equipes de trabalho e dos planos e ações educacionais, utilizando indicadores baseados em fatos e dados
	FACILITADOR	Promove a gestão participativa, a gestão de equipes de trabalho e media conflitos, quando necessário
	MENTOR	Sensibiliza, engaja e mobiliza as pessoas para conduzir a organização na busca de seus objetivos

Fonte: Gestão escolar e os oito papéis do gestor. Instituto Casagrande.

Ao olharmos para o gestor como empreendedor, precisamos entender que ele deve estar atento para compreender cenários e identificar oportunidades e necessidades de mudança no ambiente educacional. A visão empreendedora permite que as tendências sejam antecipadas, colocando a instituição sempre atenta ao cenário inovador, adaptando às exigências contemporâneas, de maneira proativa, sem correr o risco de estagnação e perda de relevância, por não acompanhar as rápidas mudanças

sociais e tecnológicas. Para a Rede Filhas de Jesus, ser uma instituição inovadora é essencial para atender cada vez melhor e de forma integral, ao público que está sob nossa responsabilidade. É de fundamental importância reforçar que empreendedorismo não diz respeito apenas a questões empresariais e sim, ações criativas e inovadoras, ressaltando a necessidade de envolver as pessoas ativamente para a solução dos mais diversos tipos de desafios. É necessário provocar e se permitir ser provocado pela equipe em constante movimento investigativo para inovar e criar.

O segundo papel é o de gestor como negociador. Este papel envolve a capacidade de estabelecer relacionamentos, parcerias e acordos com a comunidade e a sociedade organizada. A habilidade de negociação é crucial para mobilizar recursos e apoio externo, essenciais para o desenvolvimento de projetos educacionais sustentáveis e eficazes. Um gestor que sabe negociar transforma a escola em um centro de cooperação e desenvolvimento comunitário. A competência de negociador precisa estar intrinsecamente alinhada com o Centro de Serviços Compartilhados, pois havendo uma centralização de processos, os mesmos não podem estar em compasso diferente com o planejamento estratégico mais amplo, em Rede.

Assumindo a função de planejador, o gestor define diretrizes, objetivos, estratégias e metas que estão alinhados com a visão, missão e valores da rede de ensino. Este papel é fundamental, pois garante que todas as ações da escola tenham um propósito claro e uma direção estratégica. Um planejamento eficaz é o que diferencia uma gestão meramente reativa de uma gestão verdadeiramente proativa e orientada para resultados, em seus diversos âmbitos, educacionais e de sustentabilidade. Em tempos de mudanças céleres, o planejamento passa a ocupar um lugar de extrema importância

Quando aprofundamos no papel de organizador compreendemos que este complementa o de planejador, pois envolve a organização da estrutura, dos processos e dos recursos necessários para implementar as estratégias construídas coletivamente. Neste papel, o gestor assegura que os recursos disponíveis sejam utilizados de maneira eficiente e que as operações diárias da escola sejam conduzidas de forma ordenada e funcional, no nosso caso reforçando o alinhamento com o Centro de Serviços Compartilhados. Esse papel faz parte também de uma

gestão estratégica, desenhando e redesenhando processos, alocação adequada de recursos, disciplina no cumprimento de horários, reuniões eficientes e otimização de tempo, entre outros aspectos.

Atuando como orientador, o gestor coordena e orienta a implementação de projetos, a execução de ações e rotinas dentro da instituição. O gestor orientador garante que a equipe esteja alinhada, tanto administrativa quanto pedagogicamente, minimizando desvios e promovendo a consistência na execução das atividades. Nunca é demais lembrar que, para orientar, é preciso que o gestor seja capaz de dar o exemplo naquilo que orienta. Sem o exemplo, não há orientação que se sustente: “Edifiquem com o exemplo, que é o ensinamento mais eficaz.” Santa Cândida Maria de Jesus, já assim orientava.

O monitoramento envolve a avaliação contínua do desempenho das equipes de trabalho e dos planos e ações educacionais, utilizando indicadores baseados em fatos e dados. A avaliação regular permite ajustes necessários, assegurando que a escola se mantenha no caminho certo para alcançar suas metas. Este papel é essencial para uma gestão baseada em evidências e orientada por resultados.

Completando os papéis desempenhados pelos gestores teremos o de facilitador e o de mentor. No desempenho da tarefa de facilitador é preciso promover uma gestão participativa, fomentando o trabalho em equipe e mediando conflitos quando necessário, valorizando a diversidade. A gestão participativa é um elemento central para criar um ambiente escolar inclusivo e colaborativo, onde todas as vozes são ouvidas e respeitadas, construindo um espaço de harmonia e um clima favorável para o desenvolvimento de um verdadeiro ambiente pastoral. Nessa perspectiva é importante salientar a necessidade de saber delegar tarefas e se colocar em posição de acompanhamento. Quando as pessoas se sentem vigiadas vão perdendo o sentimento de pertencimento, pois vê sua credibilidade sendo testada o tempo todo. Além disso, o gestor facilita-



dor precisa constantemente desconstruir hábitos instalados.

Atuando como mentor, a gestão sensibiliza, engaja e mobiliza as pessoas para conduzir a organização na busca da concretização da missão, visão e valores. O mentor é o que confere ao gestor a capacidade de inspirar e motivar sua equipe, criando um senso de propósito e pertença entre todos os membros da comunidade escolar. Atua desenvolvendo as habilidades humanas de sua equipe, trabalhando ferramentas e técnicas eficazes apresentando uma comunicação clara, seja ela verbal ou não verbal, para ser capaz de influenciar, de forma honesta, transparente, gerando comprometimento.

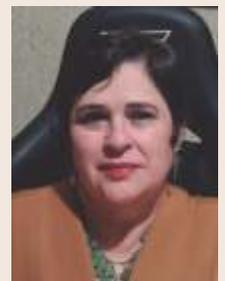
Em síntese, os oito papéis do gestor delineados por Renato Casagrande são fundamentais para uma gestão escolar de excelência. A complexidade do papel exige que o gestor seja visionário, estrategista e um líder capaz de engajar e motivar sua equipe. A integração equilibrada desses papéis auxiliará a gestão a alcançar seu pleno potencial, promovendo não apenas a eficácia pedagógica e administrativa, mas também o desenvolvimento integral e a transformação da comunidade educativa.

“O desenvolvimento dos indivíduos é construção cultural subjetivada graças à indeterminação da natureza humana.

José Gimeno Sacristan

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CASAGRANDE, Renato. Gestão escolar e os oito papéis do gestor. MBA em Liderança e Gestão Educacional. LÜCK, Heloisa. Liderança em gestão escolar. 4.ed.- Petrópolis, RJ:Vozes, 2010. (Série Cadernos de Gestão). SACRISTAN, J.G. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNOÓN, F. (org) A educação no século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2000.



CÁSSIA LARA NEVES DE ARAÚJO

Cássia Lara Neves de Araújo, gestora educacional da Rede Filhas de Jesus. Pedagoga e Historiadora com MBA em Gestão e Liderança Educacional, especialista em Psicopedagogia, Gestão de Escolas, Neurociência, Metodologias Ativas e Direito Educacional, mestranda em Educação.



LIDERANÇA SERVIDORA

Por Rodinei Balbinot

Quando ouvimos falar em liderança, logo imaginamos algum novo livro de coaching ou um curso de mentoria para líderes. E, de fato, há para todos os gostos! O que gostaria de tratar aqui, porém, vem de um outro lugar. De um tempo no qual não existia a ciência administrativa, os fluxos profissionalizados de gestão, os sistemas ERPs (Enterprise Resource Planning – Planejamento de Recursos Empresariais) ou as ferramentas de negócios inteligentes (BI). Refiro-me à longínqua época do Êxodo, entre os séculos XVI e XV a.C. E tomo como referência o capítulo 18 do livro do Êxodo, versículos 13 a 27. O que esse texto propõe que ainda nos serve para o exercício atual da liderança?

UMA HISTÓRIA EXEMPLAR

Vou contar a história da liderança servidora de Moisés, e refletir com ela. Assim, quem porventura ler esse texto, poderá acompanhar o enredo,

formulando as suas próprias questões interiores ou dialogando com os seus pares. Que tal você parar por uns instantes para fazer a leitura de Êxodo 18, 13 a 27? Eu espero você aqui.

Se você leu, já percebeu que o texto se refere a uma situação inusitada, na qual Moisés, o líder, permanece o dia todo recebendo e resolvendo as demandas que o povo traz para ele. Ele recebe a feliz visita de Jetro, seu sogro; um experiente pastor nômade. A experiência do pastoreio forjou nele a sabedoria necessária para cuidar e conduzir, dois aspectos centrais da atividade de um pastor. Quando Jetro viu o que Moisés estava fazendo, ficou muito preocupado. Bondosa e firmemente, deu ao genro alguns valiosos conselhos.

A ROTINA E A GESTÃO POR DEMANDA

O texto começa assim: No dia seguinte (Ex 18, 13 – de agora em diante,

utilizarei apenas o número do versículo na citação). Isso indica o que Moisés estava acostumado a fazer, diariamente. Ele o faz porque em algum momento começou a fazer, repetiu, voltou a fazê-lo; e isso se estabeleceu como uma cultura daquela organização. Sua liderança está no automático e totalmente determinada pelas demandas. Peter Drucker, um dos gurus da gestão, diz que a “rotina devora a estratégia todo o dia, no café da manhã”. Ou seja, se não há estratégia, não há liderança. Quem comanda são os problemas e as demandas. E o chefe, tem a ilusão de que manda. O povo, a sensação de que tem alguém para demandar.

O OLHAR CLÍNICO-CRÍTICO-DIALÓGICO

Jetro certamente percebeu que, na tentativa de liderar, Moisés estava perdendo a mão da sua intenção servidora. Mas ele não interveio imediatamente. Provavelmente, nas

conversas informais, Moisés deve ter reclamado do muito trabalho, de como tinha que atender o povo o dia todo, de sua sobrecarga de trabalho, da falta de tempo, etc... No dia seguinte, Jetro observou tudo com os seus próprios olhos, para saber o que de fato estava acontecendo. Então, depois de outro dia cheio, Moisés precisou ainda ouvir o seu sogro. Jetro faz duas perguntas, que pretendem fazer Moisés pensar: “Que é isso que fazes com o povo? Por que te assentas sozinho, e todo o povo está em pé diante de ti, desde a manhã até o pôr-do-sol?” (v. 14). A rotina tem o poder de nos absorver nela. Somente um sério questionamento sobre a própria prática consegue provocar algum distanciamento. Moisés, por estar fazendo dia após dia a mesma coisa, já não consegue ver e discernir o que faz. As perguntas tem a finalidade de provocar esse discernimento.

A HUMILDADE

Jetro, no seu primeiro dia de visita, já percebeu o erro de Moisés. Ele pretende encontrar um meio de ajudar Moisés cair em si. Daí é que pergunta e espera Moisés responder. Na resposta, Moisés conta o que o próprio Jetro já percebera. Mas, o fato de narrar a prática já é revelador. O povo vem até ele para que ele ensine o que devem fazer. Depois de ouvir, Jetro, com palavras francas, diz a Moisés: “Não é bom o que fazes! Certamente desfalecerás, tu e o povo que está contigo, porque a tarefa é muito pesada para ti; não poderás realizá-la sozinho” (v. 17-18). A humildade tem algumas características neste texto: primeiro, a aceitação do olhar crítico do outro – quem cultiva a humildade sempre considera que o outro pode ter razão, por isso, o escuta; segundo, a atitude de rever a própria prática e considerar que ela



pode ser mudada; terceiro, agir para mudar a própria mentalidade e, concomitantemente, a prática. Só quem é humilde consegue fazer isso. Para o arrogante, o erro sempre é do outro.

REPRESENTATIVIDADE

O primeiro aspecto do conselho é a representatividade. Na situação anterior, cada membro levava a sua demanda a um único líder. Não há, portanto, lideranças; senão um único chefe. Uma liderança somente pode ter esse nome caso outras pessoas forem por ela inspiradas também a servir. Elas sentem-se, então, representantes de um serviço, não ocupantes de um cargo. No caso de Moisés, não havia nem líder, nem povo; mas um chefe e uma multidão. A representatividade consiste, pois, no compartilhamento da autoridade, que se exerce pelo serviço.

FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Para exercer com eficácia a liderança, Jetro indica o segundo aspecto do

conselho: formação, capacitação e treinamento. Pela formação, os líderes aprendem os estatutos e as leis (v. 20). Esses contêm as finalidades, a missão, os valores, a visão de uma organização. São aquelas diretrizes que nasceram com o surgimento da organização. A sua razão de ser; seus fundamentos. Respondem à pergunta: por que e para quê existimos? A capacitação orienta os caminhos a serem seguidos (v. 20) para que a missão possa ser realizada, os valores vivenciados e a finalidade alcançada. Aqui entram as metas. Trata-se de responder à pergunta: que caminhos devemos seguir para atender à necessidade e alcançar a finalidade? Já o treinamento pretende dar conta das atividades que devem ser feitas (v. 20). Ele está relacionado aos dois anteriores e foca nos procedimentos a serem realizados em cada nível de gestão, a fim de garantir a execução das decisões.

A ESCOLHA DAS PESSOAS

Somente depois da consciência de

que a autoridade tem de ser representada por diversas lideranças e da formação pessoal e profissional dessas lideranças, é que Jetro sugere a escolha de líderes. E, para tanto, oferece alguns critérios, no versículo 21: capacidade – pessoas capazes: evoca aqui aqueles saberes necessários para o exercício de uma profissão; fazer o que precisa ser feito – tementes a Deus: trata-se, não de fazer o que gosta, o que pensa que é certo, mas aquilo que é preciso fazer para que a missão se realize, dentro dos respectivos valores; segurança – seguros: pessoas que tenham opção pela causa e afinidade de valores; ética – incorruptíveis: quem demonstra idoneidade, honestidade, senso de justiça, enfim, pessoas que cultivem a virtude.

A distribuição das responsabilidades Os líderes são escolhidos, não para que o chefe delegue atividades, mas para que as responsabilidades sejam distribuídas entre as lideranças. Líderes de mil, de cem, de cinquenta e de dez (v. 21). É necessário que se definam: quais decisões somente podem ser tomadas em conjunto? Quais decisões cada liderança tem a responsabilidade de tomar? Quais decisões precisa delegar a outras? Isso tudo para evitar acúmulo de funções e promover o compromisso de todos/as com a missão. Temos aqui uma rede de responsabilidades que, articuladas entre si, tornam a gestão mais leve, célere e comprometida.

OS SETE DONS E O EXERCÍCIO DA LIDERANÇA SERVIDORA

Se meditarmos esse texto, perceberemos que nele repousa um exercício dos sete dons do Espírito Santo. A Sabedoria e o Conselho são representados por Jetro: ele se aproxima,

escuta, observa, aconselha, acompanha e se retira. O Entendimento, a Ciência e a Fortaleza se constroem com o processo, envolvendo todas as lideranças: aprendizagem dos estatutos e leis, construção dos caminhos, engajamento na prática, tornando a organização forte e o fardo leve para todos. A Piedade e o Temor de Deus são encarnados pelas atitudes de Moisés: é humilde para escutar, aceita o conselho, muda a sua prática, faz o que precisa ser feito, não se apega ao poder, dá mais importância para a missão do que para o cargo, distribui as responsabilidades.

"TRATA-SE, NÃO DE FAZER O QUE GOSTA, O QUE PENSA QUE É CERTO, MAS AQUILO QUE É PRECISO FAZER PARA QUE A MISSÃO SE REALIZE."

A EXCEDÊNCIA COM EXCELÊNCIA

As características da liderança servidora se constroem no interior da abundância da graça e da magnanimidade do carisma. Bento XVI, em Caritas in Veritatis, Sobre o Desenvolvimento Humano Integral, diz que "Por sua natureza, o dom ultrapassa o mérito; a sua regra é a excedência" (CV, n. 34). Trata-se, aqui, de uma inversão de perspectiva, que nos convida a uma verdadeira conversão. O mundo do mercado neoliberal orienta para a performatividade meritocrática – traduzindo: ser melhor do que os outros, a qualquer custo. Já a proposta da liderança cristã servidora é gerar vida em abundância para todos (Jo 10,10). As lógicas são inversas: na primeira, a lógica é obter para si; na segunda, é servir aos outros. A surpresa vem

com o resultado: na lógica performativa, quanto mais se obtém somente para si, mais estresse, ansiedade, falta de sentido e vazio existencial. Ao contrário, na perspectiva da liderança servidora, quanto mais se entrega gratuitamente aos outros, quanto mais nos doamos em serviço, maior será a nossa alegria e nossa realização.

O TESTEMUNHO DE SANTA CÂNDIDA

Talvez, por conta da sua experiência de manancial divino, Santa Cândida nos legou a graça de vivermos a entrega. Quando, diante do altar do Santíssimo, em 2 de abril de 1869, sentiu-se profundamente chamada a "Fundar uma congregação com o nome de Filhas de Jesus, dedicada à salvação de almas, por meio da educação cristã e instrução de crianças e jovens", já havia nos incluído na alegria do evangelho e no exercício da liderança servidora.



RODINEI BALBINOT

É diretor-geral da Rede Santa Paulina. Professor, gestor em instituições religiosas e consultor educacional. Mestre em Educação e Pós-graduado em Administração de Empresas.

A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA NA GESTÃO ESCOLAR

Por Michelle Madureira Teixeira

Você pode estar se perguntando, qual a relação entre finanças e educação? A falta de recursos financeiros, dentro das Instituições de Ensino, pode levar ao comprometimento da qualidade dos recursos pedagógicos, da manutenção das instalações e do treinamento dos professores, sendo essas, ferramentas eficazes capazes de garantir que a qualidade dos serviços prestados seja de excelência.

Sustentabilidade financeira é definida como um conjunto de estratégias financeiras, procedimentos administrativos, contábeis e operacionais, que visam garantir operações ininterruptas, na qual a instituição possui a capacidade de cumprir financeiramente com suas obrigações presentes e futuras.

A gestão financeira é uma parte essencial do sucesso de qualquer organização, e na escola não é diferente. Ela é capaz de avaliar a boa

administração dos recursos financeiros e orçamentários dentro da instituição, em prol do seu funcionamento com qualidade.

Manter equilíbrio entre receitas, despesas e crescimento é fundamental, pois é possível garantir que os projetos educacionais sejam mantidos e desenvolvidos da forma adequada. Desta forma, a gestão financeira eficaz é importante para que a escola utilize seus recursos corretamente, além de refletir em diversos aspectos.

Primeiramente, ela permite o planejamento adequado dos investimentos necessários para oferecer uma educação de qualidade aos alunos, isso inclui a infraestrutura física, equipamentos, materiais didáticos e a contratação de profissionais qualificados, investindo recursos na formação continuada desses profissionais, melhorando cada vez mais a qualidade da educação.

Além disso, a sustentabilidade financeira na gestão escolar, proporciona a possibilidade de expandir e desenvolver programas educacionais. Com recursos garantidos, as escolas podem criar vários projetos, entre eles: cursos extracurriculares, direcionamento de recursos para atender estudantes com necessidades especiais; parcerias com empresas e Instituições que oferecem oportunidades de estágio e emprego para os alunos, implantação de sistemas e plataformas digitais para incentivar a leitura, projeto bilingue, entre outros. Tais estratégias, beneficiam os alunos e a comunidade escolar, além disso, possibilitam que a escola permaneça em atividade a longo prazo, aumentando sua visibilidade e reputação na qualidade de serviço prestado.

A utilização de um planejamento adequado, possibilita o controle das receitas e despesas, consequentemente evitando déficits orçamen-

tários e garantindo que os recursos sejam geridos de forma eficiente.

Dito isso, é fundamental desenvolver e manter estratégias e técnicas eficazes de gestão financeira que sejam sustentáveis para assegurar um futuro de sucesso para os estudantes, professores e instituições de ensino. Estratégias como:

PLANEJE O ORÇAMENTO

Um orçamento bem planejado é o primeiro passo para garantir a sustentabilidade financeira da escola. Ele permite prever as necessidades de custo e receita, ajudando a evitar gastos desnecessários ou não previstos.

A utilização de softwares de gerenciamento financeiro pode ser útil para esse propósito, permitindo análises e simulações de cenários financeiros futuros.

REDUÇÃO DE CUSTOS

A identificação de áreas onde o corte de custos é possível sem prejudicar a

qualidade do ensino é outra estratégia para fortalecer a saúde financeira da escola. Isso poderia significar a renegociação de contratos com fornecedores, a implementação de processos mais eficientes, a redução de desperdícios ou até mesmo a revisão do número de colaboradores por alunos e turmas.

ECONOMIZE RECURSOS

A economia de recursos é uma estratégia de longo prazo com benefícios financeiros. Iniciativas como a promoção da reciclagem, a redução do consumo de energia, água e a digitalização de documentos podem levar a economias bem significativas.

FOQUE NA CAPTAÇÃO E RETENÇÃO DE ALUNOS

A captação e retenção de estudantes também são fundamentais para a sustentabilidade financeira da escola. Programas de fidelização de estudantes, a oferta de programas educacionais atraentes e a promoção de um ambiente escolar acolhedor e seguro podem ajudar a atrair e manter alunos.

É importante realizar um mapeamento de ociosidade por turma respeitando a legislação local.

ASSEGURE O PAGAMENTO E RECEBIMENTO DAS MENSALIDADES

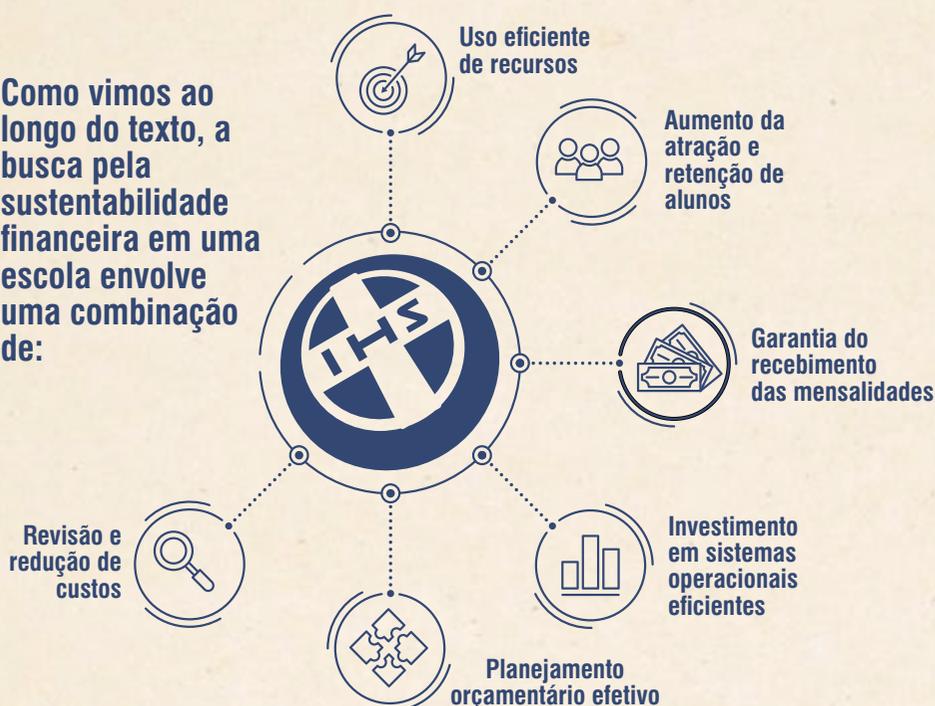
Garanta que as mensalidades sejam pagas de maneira fácil, flexível e oportuna.

Atrasos no recebimento das taxas escolares podem criar fluxos de caixa incertos e problemas financeiros. Isso poderia envolver a implementação de um sistema de gestão online conveniente ou a disponibilização de várias opções de pagamento para os responsáveis, como boletos, cartões de crédito ou descontos condicionados ao pagamento.

INVISTA EM UM SISTEMA DE GESTÃO ESCOLAR INTEGRADO

Um sistema de gestão escolar integrado (ERP) pode melhorar a eficiência operacional e ajudar a reduzir custos. Ele permite que várias funções administrativas e educacionais sejam realizadas em uma única plataforma, como o acompanhamento e monitoramento da gestão financeira da escola com facilidade.

Como vimos ao longo do texto, a busca pela sustentabilidade financeira em uma escola envolve uma combinação de:



MICHELLE MADUREIRA TEIXEIRA

Gestora de Sustentabilidade e Finanças da Rede Filhas de Jesus. Contadora, Pós-graduada em Controladoria e Contabilidade com área de concentração em Auditoria. Especialista em Perícia Contábil.



A IMPORTÂNCIA DOS EXERCÍCIOS DE FORÇA NAS ESCOLAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

COMBATE ÀS SÍNDROMES METABÓLICAS E DOENÇAS CARDIOVASCULARES

Por Diogo Van bavel e
Fábio da Silva Gama

RESUMO:

O sedentarismo representa um fator de risco para o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis, assim, sabe-se da importância da força para manutenção da saúde e para prevenção de doenças, pois, níveis adequados de força e resistência muscular são importantes para manutenção da saúde e fundamentais para os esportes. O TF é uma forma de auxiliar no combate à síndrome metabólica e doenças cardiovasculares, visto que por meio da sua prática ocorrerá um maior dispêndio energético diário, promovendo benefícios no processo para a saúde, no emagrecimento, o aumento de massa muscular, a diminuição do percentual de gordura e o aumento nos níveis de excesso de consumo de oxigênio pós-exercício. Isso nos faz refletir sobre o tempo total de aulas de Educação Física e participação dos alunos, pois, um ajuste no planejamento das aulas pode ser um passo fundamental para enfrentar o crescente problema de saúde pública relacionado ao sedentarismo e às doenças crônicas degenerativas.

BENEFÍCIOS DO TREINAMENTO DE FORÇA E A CARGA HORÁRIA REDUZIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

As doenças cardiovasculares (DCV), se apresentam como uma das principais causas de morte no mundo, sendo responsáveis por aproximadamente 18 milhões de mortes, atingindo 27,5% dos adultos e 81% dos adolescentes. Quando avaliamos os dados a nível Brasil, as DCV representam aproximadamente 30% do total de óbitos, gerando um custo de mais de 750 milhões de dólares por ano, sendo, portanto, um sério problema de saúde pública (WHO, 2018, p. 2). O sedentarismo representa um sério fator de risco para o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) como DCV, diabetes tipo 2 e alguns tipos de câncer (WHO, 2018, p. 3). Estudos nacionais vêm apresentando uma alta prevalência desses fatores de riscos em crianças e adolescentes, o que representa uma ameaça à saúde e à qualidade de vida adulta.

Atualmente, sabe-se da importância da força para manutenção da saúde e para prevenção de doenças, pois, níveis adequados de força e resistência muscular são importantes para manutenção da saúde e fundamentais para os esportes. Deste modo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda a realização de 60 minutos de exercício físico em intensidade moderada a vigorosa diariamente para obter benefícios nos sistemas cardiovascular, neuromuscular e musculoesquelético em pessoas jovens (entre 5 e 17 anos de idade) (WHO, 2018, p. 3).

Seria importante cada vez mais os alunos da educação básica terem o contato com exercícios, atividades e aulas que inserissem a modalidade de força, pois, o treinamento de força (TF) vem se consolidando como uma importante modalidade para obter relevantes adaptações e resultados musculares tanto para atletas, que desejam obter aumentos na força,



potência e hipertrofia, quanto para indivíduos ativos que visam o fortalecimento do corpo e a prevenção de doenças (SCHOENFELD; PETERSON; OGBORN; CONTRERAS et al., 2015, p. 2). Deste modo, saber dos benefícios dos exercícios de força nas aulas de Educação Física é extremamente importante para o professor que estará conduzindo suas turmas ao longo do ano letivo.

O TF é uma forma de auxiliar no combate à síndrome metabólica e doenças cardiovasculares, visto que por meio da sua prática ocorrerá um maior dispêndio energético diário, promovendo benefícios no processo para a saúde, no emagrecimento, o aumento de massa muscular, a diminuição do percentual de gordura e o aumento nos níveis de excesso de consumo de oxigênio pós-exercício. Os principais benefícios do TF focam no auxílio dos profissionais da saúde e professores da educação básica a utilizarem esta forma de modalidade de exercícios para promover melhoras na força, resistência muscular e potência (MAESTRONI; READ; BISHOP; PAPADOPOULOS et al., 2020, p. 3).

Com base nestes dados, é interessante avaliar se a carga horária das aulas de educação física é insuficiente para trazer os benefícios citados anterior-

mente, pois, aplicar tudo que a educação física pode proporcionar com apenas um período semanal ou dois de 50 minutos, é muito pouco. Em um estudo, sobre o tempo ativo nas aulas de educação física do ensino fundamental, aponta que o tempo de aprendizagem ativa é de 29% do total da aula, enquanto o tempo de espera é de 44,9%, de instrução 8,6%, e administrativo 16% (CARNIEL, 2003, p. 1). Isso nos faz refletir e deixar uma pergunta importante no ar, pois será que os jovens irão valorizar a prática de exercícios físicos no futuro, com tão pouco tempo de aulas de educação física?

CONCLUSÃO

Assim, apesar da carga horária reduzida dessas aulas, que limita o tempo disponível para atividades variadas, o foco em exercícios de força pode proporcionar benefícios significativos, visto que esses exercícios ajudam a melhorar a composição corporal, fortalecer o sistema cardiovascular e promover a saúde metabólica desde cedo. Um ajuste no planejamento das aulas pode ser um passo fundamental para enfrentar o crescente problema de saúde pública relacionado ao sedentarismo e às doenças crônicas degenerativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAESTRONI, L.; READ, P.; BISHOP, C.; PAPADOPOULOS, K. et al. The Benefits of Strength Training on Musculoskeletal System Health: Practical Applications for Interdisciplinary Care. *Sports Med*, 50, n. 8, p. 1431-1450, Aug 2020.

SCHOENFELD, B. J.; PETERSON, M. D.; OGBORN, D.; CONTRERAS, B. et al. Effects of Low- vs. High-Load Resistance Training on Muscle Strength and Hypertrophy in Well-Trained Men. *J Strength Cond Res*, 29, n. 10, p. 2954-2963, Oct 2015.

CARNIEL, M. Z. O tempo de aprendizagem ativa nas aulas de educação física escolar em cinco escolas particulares da cidade de Porto Alegre, RS. 2003. 39 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso). Faculdade de Educação Física, UNILASALLE, Centro Universitário, Canoas, 2003.

World Health Organization. *Global Action Plan on Physical Activity 2018–2030: More Active People for a Healthier World*. Geneva: World Health Organization (2018).



DIOGO VAN BAVEL

Professor do Stella Maris- RJ.
Doutor em Ciências/Cardiologia - UFRJ.
Mestre em Ciências cardiovasculares pelo Instituto Nacional de Cardiologia - INC.
Especialista em Psicomotricidade - UCM.



FÁBIO DA SILVA GAMA

Professor do Stella Maris-RJ. Especialista em Reabilitação Músculo Esquelético e Psicomotricidade.



REFLEXÕES E AÇÕES DA MÚSICA AFRICANA NA EDUCAÇÃO MUSICAL

Por Beatriz Bessa

RESUMO:

O texto aborda a necessidade do cumprimento da lei 10639, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, mostrando as lacunas dessa realidade no ensino de música e sugerindo o conceito de artes musicais do professor Meki Nzewi como metodologia de trabalho na educação musical.

Ao longo do século XX a intelectualidade negra brasileira vem reivindicando, junto ao Estado, a implementação de políticas públicas educacionais de acesso à educação e de conteúdo da cultura negra nos currículos: o Congresso do Negro Brasileiro, as políticas de cotas, as Leis nº 10.639 e nº 11.645 foram algumas dessas conquistas que propiciaram a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais em 2004.

Vinte anos se passaram e ao longo desse tempo, especificamente na educação musical, pesquisas como as de Queiroz (2023) e de Candusso (2023) revelaram como essa área vem se debruçando sobre a reflexão de metodologias de pesquisa frente à

diversidade cultural. Os autores apontam a necessidade da atualização de ementas, mudança na concepção do ensino, das formas de avaliar, da escolha de repertório, entre outros constituintes da didática, no anseio de romper com a lógica de valorização a certas identidades musicais em detrimento de outras. Não se pode pensar o fenômeno musical em sala de aula, como uma manifestação apenas sonora, mas atravessada por saberes e práxis culturais.

Em relação a cultura negra, Döring (2018) aponta que ainda há uma carência de estudos sobre a história, desdobramentos e criações das artes musicais africanas, pois na formação dos professores de música “pouco se estuda e dialoga (...) com as culturas e músicas da diáspora africana” (DÖRING, 2018, p. 140). Não há como ministrar uma aula de música de conteúdo afro-brasileiro se esse educador não tiver tido em sua formação aspectos da cultura africana. O ensino superior reflete na educação básica. Mas a lei 10639 deve ser cumprida.

Uma possibilidade é recorrer a sites de busca acadêmica e investigar pesquisas de autores africanos. Assim, eu o fiz, e encontrei o conceito de artes musicais indígenas africanas do professor de música nigeriano Meki Nzewi. Artes musicais está associado não apenas a prática de música em si, mas aborda uma prática social, algo amplamente ligado ao organismo coletivo de diferentes países e povos da África Subsaariana. Elas têm a função de propiciar a organização de uma dada comunidade através de ações artísticas performativas que vão para além de uma estética de entretenimento, pois “a música não é um conhecimento e sim uma energia, uma força vital para vida não apenas subjetiva, mas para a vida coletiva” (NZEWI, 2019, p. 70). De acordo com essa filosofia, a música não é um passatempo, nem se almeja com ela apenas a virtuosidade técnica. A performance das artes musicais africanas é um acontecimento expansivo, coletivo, único, criativo e espiritual. As artes musicais são, portanto, uma expressão singular



para se referir à ideologia criativa holística de atuação na África ancestral.

A motivação da performance é mais objetiva do que subjetiva, seu valor encontra-se extrínseco a si mesma e não intrínseco à sua representação artística. O que importa são os efeitos de dada performance em seu contexto, pois a arte na África é voltada para o serviço público e o componente estético é vivenciado e expresso interativamente. Além disso, o aspecto musical é apenas parte da expressão de uma cultura cosmológica mais abrangente: a música se interliga a outras expressões artísticas como teatro, poesia, dança e indumentária, enaltecendo a concepção holística da ação musical.

Em suma, para que a educação musical seja planejada sob o prisma das sociedades africanas originárias, é preciso propiciar experiências performativas, integrando as artes, que tem a função não apenas de

apreensão de conteúdos artísticos, mas também de humanizar os sujeitos, pois fazer música faz parte de algo maior. Música não é apenas frequência sonora que chega aos nossos ouvidos. Músicas africanas são parte de narrativas e acontecimentos sociais profundos.

Na pesquisa de Dargie (1996), sobre a educação musical do povo Xhosa, ele percebeu que o que move a aprendizagem de música é poder compartilhar esse conhecimento com a comunidade, pois a música não é entendida como um bem pessoal. Ser musical significa pertencer àquele grupo. “O sentido da dança, do toque do tambor, do mito, (...), dos rituais em geral e dos artefatos, gira em torno dos seres humanos da comunidade: a família.” (LOPES; SIMAS, 2020, p.32).

Dessa forma, uma aula de música que acolha a educação etno-racial da cultura negra, deve promover atividades que: incluam instrumentos musicais, canto, dança, poesia, teatro e indumentária; priorizem o grupo, visando o compartilhamento musical e não somente o desenvolvimento individual; promova a conscientização da sociedade; utilize um repertório variado, nacional e internacional incluindo ritmos africanos e afrodiaspóricos. E é claro, e principalmente, promova o antirracismo, a igualdade e o respeito entre todos e todas independente da cor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica [...]. Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CANDUSSO, Flavia; SANTOS, V. S. . Entre consciência negra/indígena e privilégio branco: por uma educação musical antirracista que começa em nós. In: Viviane Beineke. (Org.). Educação musical: diálogos insurgentes. 1ed. São Paulo: Hucitec, 2023, v. , p. 43-64.

DARGIE, Dave. African methods of music education: some reflections African Music. Journal of the International Library of African Music, África do Sul, v.7, n. 3, pp. 30-43, 1996.

DÖRING, Katharina. Estética e filosofia das artes musicais africanas na perspectiva da educação musical na América Latina. Orfeu, Santa Catarina, v. 3, n. 2, p. 136-163, 2018.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. Filosofias Africanas: uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

NZEWI, Meki. Restoring the pristine humaning potency of music education anchored on stimulating assessment practice. Journal of Nigerian Music Education, Nigéria, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2019.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Currículos criativos e inovadores em música: proposições decoloniais. In: BEINEKE, Viviane. (org.). Educação musical: diálogos insurgentes. São Paulo: Hucitec, 2023. p. 191-241.



BEATRIZ BESSA

Professora de música no Colégio Stella Maris e arte educadora do Museu do Pontal. Psicóloga. Doutoranda em Música (UNIRIO), Mestre em Memória Social (UNIRIO), Mestre em Ensino das Práticas Musicais (UNIRIO), Especialista em Práticas Musicais na Educação Básica.

"UMA AULA DE MÚSICA QUE ACOLHA A EDUCAÇÃO ETNICO-RACIAL DA CULTURA NEGRA, DEVE PROMOVER ATIVIDADES QUE INCLUAM INSTRUMENTOS MUSICAIS, CANTO, DANÇA, POESIA, TEATRO E INDUMENTÁRIA (...) E, PRINCIPALMENTE, O ANTIRRACISMO, A IGUALDADE E O RESPEITO ENTRE TODOS, E TODAS INDEPENDENTE DA COR."



O FAZER TEATRAL E SEUS JOGOS COMO FERRAMENTAS PRÁTICAS NA NEUROEDUCAÇÃO

Por Andrea Wanger

RESUMO

Este artigo busca provocar uma reflexão sobre a conexão entre um dos instrumentos mais antigos da sociedade, o "fazer teatral", que desempenha múltiplas funções sociais e individuais, e um dos campos de estudo mais recentes que beneficia a educação: a Neurociência.

O cérebro como órgão por excelência da aprendizagem e os jogos teatrais como ferramenta de exercício de memória, emoção e autoconsciência, capazes de alterar estados neuroquímicos e estruturas cerebrais, conectam-se em perfeita ação como estratégia pedagógica para o desenvolvimento de múltiplas inteligências.

INTRODUÇÃO

Com cérebros acelerados, a informação que "jorra na palma da mão" abre a reflexão para a prática das metodologias ativas que encontram no desenvolvimento de habilidades e competências, o material de operação e mobilização dos saberes.

O cérebro humano, através de suas sofisticadas estruturas neurais, dá ao ser humano maior capacidade de se expressar, de se adaptar e transformar o meio em que vive.

Segundo a educadora norte-americana Tracey Tokuhama Espinosa (2008), em sua tese de doutoramento, há uma série de princípios básicos a serem considerados quando falamos de Neuroeducação: e, baseado nesses princípios, serão inseridas entre parênteses, pequenas observações sobre a atividade teatral:

1 - O cérebro é um sistema complexo, dinâmico e em modificação diária, pelas experiências (a experimentação de experiências prévias ou observadas pelo aluno, aumentam seu repertório de vida e, portanto, de aprendizagem).

2 - A aprendizagem é potencializada pelo desafio e inibida pela ameaça (exercícios criativos, livres e sem julgamento propiciam desafios e aceitação).

3 - Diferentes sistemas de memória, (curto ou longo prazo, de trabalho, de procedimentos, espacial...) aprendem de formas diferentes (jogos teatrais podem solicitar diferentes rotas de memória).

4 - O cérebro recorda melhor, quando os fatos e habilidades são integrados em contextos naturais (a observação do todo é despertada para o aluno/ator).

5 - Alunos aprendem melhor, quando são altamente motivados do que quando não têm motivação (a própria experiência de soltura criativa e diversão, libera o espaço para a motivação).



6 - O stress tem impacto na aprendizagem (uma das etapas de jogos teatrais acolhe exercícios de autopercepção, respiratórios, meditativos e relaxantes).

7 - A ansiedade e estados depressivos podem bloquear oportunidades de aprendizagem (idem observação citada acima).

8 - As emoções têm um papel chave na aprendizagem (atuar é sentir; se sinto o que é meu, pode ser terapêutico e o que é do outro, pura empatia).

A NEUROCIÊNCIA, O FAZER TEATRAL E SEUS JOGOS NA ESCOLA

Abordaremos todo o processo necessário para garantir que a atividade seja uma experiência rica e bem-sucedida, respeitando as particularidades dos alunos, o perfil do docente e os recursos disponíveis para sua implementação.

É condição indispensável para o professor desta área, a criatividade e o rigor na atenção para que não cometa julgamentos, bloqueando ou dificultando esta libertação para o desenvolvimento das aptidões emocionais.

Reverbel (1979) defende que o professor de teatro ideal tenha formação superior em Artes Cênicas, mas aceita aqueles com cursos curtos e interesse na área. Ferreira (2001) argumenta que, embora a formação especializada não seja essencial, o professor deve ter sólida experiência prática e teórica, além de estar atualizado, para evitar que o teatro seja visto como uma atividade sem importância. Assim como outros docentes, o professor de teatro deve apresentar essa arte como uma possível carreira profissional.

As atividades dramáticas, sempre que possível, podem e devem ser integradas a outras disciplinas tais como: Artes Plásticas, Música, Literatura e outros.

Considerando o planejamento da atividade numa perspectiva sistemática e deliberada (como deve ser), a descrição resumida do objetivo da atividade, implicaria basicamente em:

- 1** - Vivenciar a prática do teatro e sua relação com a sociedade.
- 2** - Explorar as várias formas de comunicação oral e corporal.

3 - Resgatar o repertório de experiências para a construção do conhecimento.

4 - Viver o processo de uma montagem teatral.

5 - Apresentar uma peça.

Para qualquer idade ou segmento escolar, as atividades seguem a mesma abordagem, adaptada, obviamente, a cada faixa etária. Sugere-se desenvolver:

I - EXERCÍCIOS DE RELAXAMENTO, RESPIRAÇÃO E MEDITAÇÃO

A meditação e o relaxamento incentivam o silêncio e observação dos pensamentos. Esse processo aumenta a massa cinzenta do córtex frontal, associada à memória de trabalho e à tomada de decisões, possibilitando também tornar os sentidos mais aguçados. Sentidos aguçados são essenciais para a experiência criativa. Spolin (1987) afirma que a atividade dramática envolve o aluno em todos os níveis: intelectual, físico, e, sobretudo, intuitivo, este último frequentemente negligenciado na educação e resgatado no teatro. Spolin sugere que a criatividade é frequentemente bloqueada pelo medo do julgamento e a busca por aprovação, gerando timidez. O exercício meditativo, nesse contexto, é crucial para desenvolver autoconsciência, autoeficácia e

"É CONDIÇÃO INDISPENSÁVEL PARA O PROFESSOR DESTA ÁREA, A CRIATIVIDADE E O RIGOR NA ATENÇÃO PARA QUE NÃO COMETA JULGAMENTOS, BLOQUEANDO OU DIFICULTANDO ESTA LIBERTAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS APTIDÕES EMOCIONAIS."

autocontrole, permitindo superar a insegurança e se libertar do julgamento.

2 - JOGOS DE ATENÇÃO, CONCENTRAÇÃO E OCUPAÇÃO ESPACIAL

Jogos de atenção, concentração e ocupação espacial requerem presença total, possibilitando engajamento e estado de flow, gerando bem-estar, mudando bioquimicamente o corpo e trazendo saúde. Com esses exercícios, desenvolver a memória de trabalho com o circuito executivo, permitirá manter a atenção e inibir estímulos distratores, favorecendo a aprendizagem consciente.

3 - JOGOS DE MEMÓRIA

Nos jogos de memória, percepção e raciocínio são requisitados, promovendo novas conexões e desenvolvendo tanto a memória de trabalho quanto a de longa duração, incluindo a memória episódica, que envolve o relato sequencial de fatos.

4- JOGOS DE IMPROVISO

Nos jogos de improviso, a memória de curta duração, ou seja, a memória de trabalho é solicitada; deve-se manter e manipular as informações na mente durante todo o processo do exercício. Esses jogos exigirão um relacionamento intenso de grupo, que acaba por desviar a competição individual para um esforço em conjunto. Gera-se, desta forma, a flexibilidade cognitiva.

5- PSICOMOTRICIDADE

Nas atividades de psicomotricidade, o corpo em movimento e toda sua conexão com o mundo, com o outro, consigo mesmo. O movimento, o intelecto e a afetividade vêm dar suporte a toda aquisição cognitiva e a construção de relações saudáveis. Os estímulos sensoriais, as percepções

e compreensão do próprio organismo, a interpretação de imagens, compõem a circuitaria neural que leva à maturação do indivíduo.

A CULMINÂNCIA DO PROCESSO

A montagem cênica! Esta permitirá que o grupo relacione a ficção teatral com a realidade. Envolve-se, nela, a seleção de uma história que deverá ser escolhida ou aprovada pelos alunos. O professor estará entre dois caminhos: o artístico e o educativo. É este o ponto onde a inteligência emocional, relacional e todas as habilidades sociais são exigidas. A fim de se obter bom êxito na apresentação, os alunos precisam focar em múltiplas informações, como marcas cênicas, entradas e saídas, interpretação etc. Como arte viva, o Teatro está sujeito a falhas, o que permite que aluno/ator aprenda a monitorar os erros e tomar decisões, rever planos e resistir. É, sobretudo, um exercício de vida!



ANDREA WANGER

Professora de Teatro no Colégio Imaculada, Campinas. Pedagoga e atriz profissional. Especialista em Neurociência aplicada à Educação e em Docência no Ensino Superior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESPINOSA, Tracey. The scientifically substantiated art of teaching; a study in the development of standards in the new academic field of neuroeducation (mind, brain, and education Science). Tese de Doutorado, Programa de Pós- Graduação em Educação, Capella University, Mineápolis, Minesota.

FERREIRA, Sueli (organizadora). O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas: Papyrus, 2001.

ORTIZ, Fátima. A linguagem cênica no teatro dirigido à criança. Curitiba, março de 1997 (texto apostilado)

PEREIRA, Alfredo. Comentários a respeito das bases neurológicas da aprendizagem. 1998. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32831998000100024&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em: 22 dez. 2019.

REVERBEL, Olga. O teatro na sala de aula. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979

SEIXAS, Sônia. Da Neurobiologia das relações precoces à neuroeducação. 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=artigo+sobre+neuroeduca%C3%A7%C3%A3o&oi=. Acesso em: 22 dez. 2019.

SIEGEL, Daniel; BRYSON, Tina. O cérebro da criança. Tradução Cássia Zanon. Brasil: Versus, 2018.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. Tradução Ingrid Doemien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 1987 (Coleção Estudos, 62).

ZILBERMAN, Regina (organizadora). A produção cultural para a criança. 2ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984 (Novas perspectivas, n. 03).



A PASTORAL NA ESCOLA E A ESCOLA EM PASTORAL

Por Cássia Lara Neves de Araújo

A pastoral escolar é um dos elementos essenciais em uma instituição que prima pela formação integral dos estudantes, pois promove o desenvolvimento humano, espiritual e social em um ambiente educativo. Sérgio Junqueira, importante teólogo e educador brasileiro, destaca a importância de criar um clima de escola em pastoral, onde os valores cristãos e a convivência harmônica sejam centrais no cotidiano escolar. Não se trata apenas do ambiente e convivência entre os estudantes, mas entre toda a comunidade escolar.

A pastoral escolar não se limita ao espaço físico e nem a um conjunto de atividades religiosas, ela é muito

mais. É uma ação educativa que visa a transformação da escola em um espaço de acolhimento e solidariedade. Assim, atua conjuntamente com os elementos pedagógicos da escola para propiciar o desenvolvimento integral dos estudantes, permitindo que eles cresçam em suas dimensões afetivas, cognitivas e espirituais, ou seja, está integrada ao projeto pedagógico da escola, não podendo ser considerada como algo à parte, mas sim como uma dimensão que permeia todas as ações educativas, de forma transversal.

Em obras, como "Pastoral Escolar: Fundamentos e Perspectivas" e "Educação e Pastoral: Interfaces e

Práticas", Junqueira argumenta que a pastoral escolar deve estar intrinsecamente ligada ao projeto pedagógico da escola, contribuindo para um ambiente de acolhimento, solidariedade e formação de valores. Nesse sentido, na Rede Filhas de Jesus, esse documento fundamental para a escola, é denominado Projeto Político Pedagógico Pastoral. Colocamos como parte da missão, ter a pastoralidade e a vivência da espiritualidade permeando todas as nossas ações educativas.

Uma escola em pastoral é caracterizada pela vivência dos valores evangélicos, como o respeito, a justiça, a paz e a solidariedade. Isso implica em



uma abordagem pedagógica que valoriza o diálogo, a participação e a corresponsabilidade. Nesse sentido, a pastoral escolar deve promover espaços de reflexão e vivência comunitária, onde os estudantes possam experimentar a fé de maneira concreta, em ações que visem o bem comum. Nossas pastorais oferecem diversas experiências, entre elas os grupos de vida cristã. Se você ainda não conhece, venha participar!

Outro ponto fundamental que precisa ser ressaltado é que a pastoral escolar deve estar atenta às realidades dos estudantes, acolhendo suas diversidades e promovendo a inclusão. Destaca-se também a importância da articulação entre a pastoral, a família e a toda a comunidade escolar. A pastoral escolar deve trabalhar em conjunto com esses atores, fortalecendo os laços que sustentam o processo educativo. Essa colaboração potencializa a formação de cidadãos comprometidos com a transformação social e com a construção de uma sociedade mais justa.

Promover um clima de escola em pastoral exige um compromisso de toda a comunidade, incluindo gestores, professores, colaboradores, estudantes e pais, uma vez que compõem a comunidade escolar. Todos devem estar alinhados com a missão educativa, atuando de maneira colaborativa para criar um ambiente que favoreça o crescimento integral dos estudantes, centro de nossas ações.

" A PASTORAL ESCOLAR DEVE ESTAR ATENTA ÀS REALIDADES DOS ESTUDANTES, ACOLHENDO SUAS DIVERSIDADES E PROMOVENDO A INCLUSÃO. "

Essa colaboração é vital para que a pastoral escolar tenha um impacto significativo e duradouro na vida dos estudantes. Aqui também deixamos nossa atenção com o envolvimento da comunidade escolar, entendendo com convicção que todos somos

educadores. Não educa apenas quem está em sala de aula, mas todos que independente da natureza de sua tarefa na instituição escolar colocam-se a serviço da comunidade, promovendo os valores cristãos e institucionais, inclusive pela força de seu exemplo. Santa Cândida já salientava em seus escritos que era fundamental "edificar pelo exemplo, que é o ensinamento mais eficaz".

Em suma, a Pastoral Escolar é um elemento vital e privilegiado para a promoção de um clima escolar que favoreça o desenvolvimento integral dos estudantes. Ao integrar os valores cristãos no cotidiano escolar e promover a vivência comunitária, ela contribui para a formação de indivíduos conscientes, solidários e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, assim como Jesus nos ensinou a buscar um Reino de justiça e paz.



CÁSSIA LARA NEVES DE ARAÚJO

Cássia Lara Neves de Araújo, gestora educacional da Rede Filhas de Jesus. Pedagoga e Historiadora com MBA em Gestão e Liderança Educacional, especialista em Psicopedagogia, Gestão de Escolas, Neurociência, Metodologias Ativas e Direito Educacional, mestranda em Educação.



MULHERES E SINODALIDADE NO PONTIFICADO DE FRANCISCO

Por Ir. Patrícia Helena Coimbra, FI

RESUMO

Esta comunicação se insere na discussão acadêmica sobre a atuação feminina no Pontificado de Francisco com ênfase no Sínodo para a Amazônia. Buscaremos descrever em perspectiva feminina através das autoras pesquisadas Michele de Perrot, Maria Cecilia Domezi, Maria Clara Bingemer, o contexto e a condição da mulher na história e no catolicismo. Com essa temática levantamos uma problemática

atual no Pontificado de Francisco que ainda hoje na contemporaneidade continua sendo tema de discussões. Sabemos que na perspectiva de gênero no século XIX não competia a mulher fazer suas escolhas, decidir sobre si mesma e tão pouco colaborar e atuar para a cultura a partir de uma experiência religiosa. Segundo Perrot, a religião exercia um poder sobre as mulheres. Todas as religiões eram dominadas pelos clérigos e as mulheres eram subordina-

das a eles, geralmente excluídas do exercício de culto. Segundo a autora, o catolicismo é, em princípio, clerical, não permitindo a atuação da mulher. Somente os homens poderiam ter acesso ao sacerdócio e ao latim. Eles detinham o poder, o saber e o sagrado. Os lugares de abandono e confinamento eram os conventos, refúgios contra o poder masculino e familiar, eram lugares de apropriação do saber e mesmo de criação. Na pesquisa descobrimos que



as fontes históricas sobre a atuação da mulher na sociedade e na Igreja permitiram colocar em evidência a misoginia, opressão e a subordinação que sofreram as mulheres. A necessidade de recuperar a memória e atuação feminina revela uma negação histórica no tocante ao lugar da mulher na sociedade, sobretudo, na esfera do religioso. Nesse sentido, a iniciativa de Francisco em propor o Sínodo para a Amazônia incluindo a mulher em novos espaços no processo sinodal, pode sinalizar passos significativos na perspectiva de gênero e na inserção de todo o povo de Deus na experiência eclesial a partir da etimologia mesma da palavra Sínodo que significa: “caminhar juntos”. Segundo Domezi, o programa de reforma da Igreja impulsionado pelo Papa Francisco é bastante oportuno à continuidade da narrativa histórica feminina em construção na sociedade.

Nesta comunicação, buscamos conversar com três referenciais teóricos principais, que narram a atuação e a história das mulheres na

Igreja e na sociedade. A francesa Michele de Perrot, uma das mais importantes pesquisadoras da história das mulheres, e duas brasileiras; a teóloga Maria Clara Bingemer, que aborda em um de seus artigos a proposta da sinodalidade, como colaboração para uma maior integração entre homens e mulheres, na Igreja; e Maria Cecília Domezi, doutora em Ciências da Religião, que faz uma análise desde a perspectiva feminina da atuação da mulher, no Vaticano II.

Trouxemos para esta comunicação referenciais teóricos femininos, pois incide na busca por enriquecer a reflexão, o pensamento, as provocações a partir da contribuição acadêmica feminina já que, segundo Perrot, por um longo período, na história, suas vozes foram esquecidas, e silenciadas.

Esses referenciais teóricos contribuíram para evidenciar o protagonismo das mulheres na Igreja a partir da ótica do Papa Francisco, cujo magistério é marcado por uma série de compromissos sociais, e documentos, que inauguram o que vem sendo chamado de um novo humanismo.

Nesta comunicação, buscamos provocar, despertar sonhos e novos compromissos, eclesiais e sociais, a partir da atuação da mulher, na Igreja, inserida dentro de uma proposta sinodal.

De acordo com Maria Clara Bingemer, uma das autoras pesquisadas: A nota característica do Sínodo foi o desejo e a demanda de integração da voz da Amazônia com a voz e o sentir dos bispos participantes, pastores da Igreja. Foi no dizer da assembleia reunida, sinodalmente, uma nova experiência de escuta para discernir os novos caminhos pelos quais o

Espírito deseja conduzir a Igreja. Assim, o Sínodo, mais que um evento eclesial, foi um compromisso de abraçar, assumir e praticar o novo paradigma da ecologia integral, o cuidado da “casa comum” e a defesa da Amazônia.

A Igreja é chamada a assumir seu papel profético de denunciar a violação dos direitos humanos das comunidades indígenas e a destruição do território amazônico. Para isso, deve ser uma igreja pobre, inculturada e samaritana. Pronta para a solidariedade, e a partilha com os povos que habitam a Amazônia, e dela vivem, e pedem ao mundo atenção e participação ativa na luta por sua sobrevivência.

Para evidenciar o protagonismo feminino, no pontificado do Papa Francisco, revisitamos seus documentos atuais como: *Evangelii Gaudium*, *Gaudete et Exsultate*, *Amazonia*, *Novos caminhos para a Igreja*, e para uma ecologia integral, como também um artigo intitulado *Mulher e ministérios na Igreja Católica à luz do pensamento do Papa Francisco*, de Clelia Peretti.

Na perspectiva do Concílio Vaticano II, Domezi (2016, p.12) vai nos dizer que o pensamento conciliar foi aberto às alteridades, e pautado pelo diálogo. As temáticas de igualdade social e dos direitos iguais ocuparam um lugar normativo, no pensamento conciliar, na mesma linha, segue Clélia Peretti em seu artigo, afirmando que, embora o Vaticano II tenha contribuído para o reconhecimento, valor e dignidade da mulher, ainda é insuficiente. Segundo a autora, ainda é necessário uma eclesiologia que envolva mais as mulheres, e traga à

Igreja as mudanças que são necessárias. Para Francisco, as mulheres devem assumir responsabilidades, na Igreja, também onde as decisões são tomadas.

Apoiando-nos em um artigo recente de Maria Clara Bingemer intitulado “Sinodalidade e diferença de gênero” (2022, p. 209), podemos abrir o campo de nossa reflexão, na perspectiva de gênero, quando pensamos em “sinodalidade”. Segundo a autora, a palavra “sínodo” é uma palavra de origem grega; *synodos* (caminho), muito antiga, venerada na tradição da igreja, e indica o caminho percorrido pelo povo de Deus unido, portanto, a sinodalidade nada mais é do que “caminhar juntos”, como Igreja. Expressa um modo de viver e de agir da Igreja Povo de Deus, que se manifesta no caminhar juntos, no encontro em assembleia, e na participação ativa de todos os seus membros, na sua atuação evangelizadora.

Nesse sentido, segundo a autora (2022, p.210), a sinodalidade propõe, então, não apenas uma reflexão teórica sobre a Igreja, mas, também uma proposta concreta de um novo modelo, para que a própria Igreja seja o que deve ser. Na dinâmica sinodal, na Igreja, a presença feminina leva consigo aspirações, que não surgem de uma ambição de poder ou um sentimento de inferioridade. Tão pouco de uma busca egocêntrica, de reconhecimento, elas brotam de um desejo de viver em fidelidade, ao projeto de Deus, que olha o seu povo, e lhe devolve a dignidade de irmãos.

A contribuição feminina, na dinâmica da sinodalidade, implica uma riqueza,

fruto da própria configuração da identidade, que se dispõe a trabalhar em cooperação, a tecer redes e gerar sinergias, em abertura para buscar respostas e novas causas de solução, em resiliência para resistir em meio a situações difíceis. Esta é chamada para os desafios da contemporaneidade e a contribuir para uma autêntica renovação das estruturas, fruto de uma necessária conversão pastoral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLARÍN, P.D. *La educación de la mujer española en el siglo XIX*. Editorial Síntesis. S. A. 1 de outubro de 2001.

DOMEZI, M.C. *Mulheres no Concílio Vaticano II*. Editora Paulus, 2016.

PASSOS, J.D. *Por uma Igreja Sinodal*. Paulinas, 2022.

PERETTI, C. *Mulher e ministérios na Igreja Católica à luz do pensamento do Papa Francisco*. Revista de Cultura Teológica. 2021

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Editora Contexto. 2019.



IR. PATRÍCIA HELENA COIMBRA, FI

Ir. Patrícia Helena Coimbra, FI. Graduada em Teologia. Pós-graduada em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual. Especialista em Teologia. Mestre em Ciências da Religião.

TRANSFORMANDO VIDAS E CONECTANDO GERAÇÕES

4 GERAÇÕES
DA MESMA FAMÍLIA

FORMADAS POR
UMA ESCOLA DA REDE
FILHAS DE JESUS



**REDE FILHAS
DE JESUS**



CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE JESUS

COMUNIDADE DE BELO HORIZONTE MONTES CLAROS

CASA PROVINCIAL

Rua da Bahia, 1432 – Lourdes -
CEP 30160-011 - Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3222-3426
E-mail: secfi@filhasdejesus.org.br

CASA DE MONTES CLAROS

Av. Neco Delfino, 363
Delfino Magalhães
CEP 39402-181 - Montes Claros - MG
Tel: (38) 3213-1161

OBRA SOCIAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Av. Neco Delfino, 363/399
Delfino Magalhães
CEP 39402-181 - Montes Claros - MG
Tel: (38) 3222-2256
Site: www.obramoc.com.br

COMUNIDADE DE BELO HORIZONTE

CASA NOSSA SENHORA DE NAZARÉ (CASA DE ENFERMARIA)

Rua Costa Pinto, 123 - Vila Paris
CEP 30380-700 - Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3344-8289
E-mail: adm.nazare@seias.com.br

CASA SANTÍSSIMA TRINDADE

Rua Madre Cândida, 241 - Vila Paris
CEP 30380-690 - Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3344-6711
Site: www.casasantissimatrindade.com.br

CASA DO CÉU AZUL

Rua Coronel Joaquim dos Santos, 605 -
Céu Azul B
CEP 31580-010 - BELO HORIZONTE - MG
Telefone: (31) 3496-0155
E-mail: casaceuazulbh@gmail.com

COMUNIDADE DE LEOPOLDINA - RIO DE JANEIRO

CASA DE LEOPOLDINA

Edifício Catedral - Rua. Pe. Júlio,
21 / 4º andar
CEP 36700-000 - Leopoldina - MG
Tel: (32) 3441-1542

CASA STELLA MARIS

Estrada do Vidigal, 75 - Vidigal
CEP 22450-230 - Rio de Janeiro - RJ
Tel: (21) 3518-1224

CENTRO POPULAR DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL STELLA MARIS

Estrada do Vidigal, 75 - Vidigal
CEP 22450-230 - Rio de Janeiro - RJ
Tel: (21) 2274-1147
Site: www.stellamaris-rj.com.br

COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO

Praça Dom Helvécio, 82 - Centro
CEP 36700-000 - Leopoldina - MG
Tel: (32) 3449-2500
Site: www.cicleopoldina.com.br

COMUNIDADE DO NORDESTE

CASA DE FORTALEZA

Rua Vasco de Gama, 970 - Montese
CEP 60420-440 - Fortaleza - CE
Tel: (85) 3051-4549

CASA DE RUSSAS

Rua Afonso Maciel 1173ª - Bairro Planalto
da Bela Vista - CEP: 62900-000 - RUSSAS - CE
Tel: (85) 99681 5578

COMUNIDADE DE SÃO PAULO

CASA DE BRAGANÇA PAULISTA

Rua Madre Paulina, 200
Jardim Nova Bragança
CEP 12914-475 - Bragança Paulista - SP
Tel: (11) 4033-4719

INSTITUTO EDUCACIONAL CORAÇÃO DE JESUS

Rua José Guilherme, 493 - Centro
CEP 12900-231 - Bragança Paulista - SP
Tel: (11) 4033-2763
Fax: (11) 4033-2587
Site: www.iecj.com.br

INSTITUTO EDUCACIONAL IMACULADA CONCEIÇÃO

Praça da Bandeira, 11 - Centro
CEP 13800-058 - Mogi Mirim - SP
Tel: (19) 3862-0102
Site: www.colegioimaculada.com.br

CASA DE CAMPINAS

Rua Barão de Atibaia, 825 - Apto. 71/72
Edifício Girassol - Vila Itapura
CEP 13023-011 - Campinas - SP
Tel: (19) 3232-4275

INSTITUTO EDUCACIONAL IMACULADA

Av. Barão de Itapura, 1735 - Guanabara
CEP 13020-433 - Campinas - SP
Tel: (19) 3231-7911
Site: www.imaculada.com.br



www.filhasdejesus.org.br

 filhasdejesus    redefilhasdejesus